



LUANE CRISTINA OLIVEIRA RESENDE

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA LOUCURA NO CONTO
“SÓ VIM TELEFONAR”, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

LAVRAS-MG

2019

LUANE CRISTINA OLIVEIRA RESENDE

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA LOUCURA NO CONTO “SÓ VIM
TELEFONAR”, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Lavras, como parte das exigências
do curso de Letras Português/Inglês e
suas Literaturas, para a obtenção do
título de Licenciado.

Profa. Dra. Márcia Fonseca de
Amorim Orientadora

LAVRAS-MG

2019

LUANE CRISTINA OLIVEIRA RESENDE

**A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA LOUCURA NO CONTO “SÓ VIM
TELEFONAR”, DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
de Lavras, como parte das exigências
do curso de Letras Português/Inglês e
suas Literaturas, para a obtenção do
título de Licenciado.

APROVADA em: ____/____/____ Prof. Dra. Márcia Fonseca de Amorim - UFLA

Prof. Dr. - - UFLA.

Profa. - UFLA.

Profa. Dra. Márcia Fonseca de
Amorim Orientadora

LAVRAS-MG

2019

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Márcia Fonseca de Amorim, pela paciência, atenção e cuidado com a orientação deste trabalho.

RESUMO

O presente estudo procura analisar o *ethos* e as formas do silêncio e seus sentidos contidos no conto “Só vim telefonar”, de Gabriel García Márquez à luz das teorias da Análise do Discurso. Para abordar sobre os comportamentos do sujeito Maria, tomamos as definições de *ethos* e silenciamentos em relação ao sujeito. No conto, deparamos com um sujeito que está inserido na instituição: sanatório, que era composto por enfermas mentais, e Maria ao pedir carona também torna-se componente desse grupo. Isso possibilita pensarmos sobre várias possibilidades de apagamento do sujeito em uma dada instância, ou melhor, em um contexto específico. O narrador do conto, traça vários perfis do *ethos* que permitem, pouco a pouco, percebendo suas atitudes. No entanto, percebe-se também que ela é, muitas vezes, apagada, principalmente quando entra no hospício de forma enganada. O silêncio em torno desse sujeito contribui, sobremaneira, para as várias produções de sentido possíveis acerca dessa história, isso porque o leitor tanto pode achá-la louca quanto entender que a instituição a fez pertencer a esse grupo. Esse silêncio influenciou a realização do presente estudo que, por meio da análise de exertos do conto, constatou que o silenciamento ainda está imbricado em torno instituição hospício. À luz das teorias da Análise do discurso francesa, por meio dos estudos de Foucault (2012), Orlandi (2007), entre outros pesquisadores, podemos compreender os discursos que foram apagados, silenciados e/ou interditados ao longo da história do conto, bem como o sujeito principal, Maria. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico em que são analisados trechos do conto “Só vim telefonar”, de Gabriel García Márquez, com a finalidade de perceber como é a representação social da loucura.

RESUMO

Palavras-chave: Análise do Discurso. Loucura. Silenciamento.

ABSTRACT

The present study aims to analyze the *ethos* and forms of silence and their meanings contained in Gabriel García Márquez's short story "I came just to call", in the light of Discourse Analysis' theories. To address Mary's behaviors, the main story's character, we take definitions of *ethos* and "silencing" in relation to the subject. In the tale, we come across a subject who is involved in a psychiatric institution, scene composed of mentally ill patients, doctors and nurses. Maria, when asking for a ride on a road, after having a break in her car, also becomes a member of the group of intern patients. The narrated facts and the actions that take place within the institution allow us to look at various forms of deletion of the subject in a given instance, or rather, in a specific context. The story's narrator draws several profiles of *ethos* that allow, little by little, perceiving the attitudes of the characters. In relation to Maria, it's perceived that, in many times, she's stricken, mainly when she enters the hospice in a mistaken way. The silence around this subject contributes, considerably, to the various possible productions' meanings about this story, because the reader may find it crazy and or understand that the institution made herself belong to this group. This silence influenced the realization of this study that, through the analysis of the tale's excerpts, found that the overlapped silencing around the hospice institution, promotes the deletion of the subject in relation to the society. In the light of the French Discourse Analysis' theories, through Foucault studies (2012), Orlandi (2007), among other researchers, we can comprehend the discourses that were deleted, silenced and/or interdicted, throughout the story narrated in the tale, such as the main subject, Maria. This is a bibliographical research, where excerpts are analyzed from the tale "I came just to call", by Gabriel García Márquez, with the purpose of contributing with studies on the social representation of madness.

ABSTRACT

Keywords: Discourse Analyses.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	PANORAMA GERAL DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA.	10
2.1	O discurso para Foucault e Pêcheux.....	12
2.2	O ethos.	16
2.3	Os silêncios e os silenciamentos	19
3	A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA LOUCURA NO CONTO: SÓ VIM TELFONAR	22
4	METODOLOGIA.....	27
5	SILÊNCIO, SILENCIAMENTO E INTERDITOS EM ANÁLISE.....	28
5.1	A história contada por meio do silêncio.....	36
5.2	Conto: Só vim telefonar	39
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
	REFERÊNCIAS.	45

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é resultante da análise do discurso do conto “Só vim telefonar”, do escritor Gabriel García Márquez, que traz questões pertinentes discursivamente sobre o estigma da loucura em relação à personagem central, Maria. O conto traça o perfil desse sujeito de forma a induzir o leitor a produções de sentidos diferentes. O conto é narrado por um narrador onisciente que relata a história que envolve Maria e o hospício que ela estava internada por engano após ter seu carro quebrado e ter solicitado a carona.

A partir desse conto que está contido nos *Doze contos peregrinos*, 1978, de Gabriel García Márquez, é possível entendermos a representação social da loucura desse sujeito, além de conhecermos o que se passa no hospício (instituição reconhecidamente estigmatizada na e pela sociedade). A princípio, o conto relata o encontro de Maria com as enfermas mentais, mostrando assim a perda de autonomia dela que estava inserida nesse grupo. Ademais, o conto também mostra, pouco a pouco, que o sanatório constitui-se de um ambiente em que há segregação social, pois as “loucas” ali inseridas já não tinham credibilidade no que diziam.

Essa produção literária permite perceber, a partir das circunstâncias que acontecem gradativamente na história, como o louco é tratado no ambiente do hospício. Além disso, possibilita fazer várias suposições em relação a personagem principal, Maria, e os discursos proferidos por ela o que perdem credibilidade. Nesse sentido, percebe-se que o conto de Gabriel García Márquez tematiza a condição do louco e até mesmo a sua condição de sujeito.

Durante o conto, o sujeito e os discursos ditos por ele são, muitas vezes, ocultado e até mesmo banalizado já que a instituição no qual esse sujeito está inserido confere-lhe pouca credibilidade. Nesse sentido, constitui-se vários sentidos sobre a possibilidade de Maria ser ou não verdadeiramente louca, ou seja, os acontecimentos da

história dão várias perspectivas de entendimento sobre a possível loucura de Maria.

Analisar a história do conto “Só vim telefonar” é procurar entender a representação social da loucura, as ações praticadas por pessoas que atuam nos sanatórios, os silenciamentos impostos aos infermos mentais, mais especificamente de Maria que é silenciada várias vezes e de diversos modos. Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em questionar, por meio da Análise do Discurso de orientação francesa, os sentidos do silêncio que apagam o sujeito, principalmente quando ele está em um determinado contexto de produção. Buscamos apresentar os múltiplos sentidos do silêncio e de que forma a instituição do hospício influencia nisso. É também objetivo deste estudo analisar os discursos proferidos de Maria a fim de entender quais as possibilidades de interpretação sobre eles.

Trazemos, dessa forma, evidenciar várias possibilidades de respostas aos seguintes questionamentos: por que a Maria teve o seu discurso interdito e por que ele já não tinha credibilidade em um determinado momento? Como o louco é tratado na instituição denominada hospício? Qual era a vontade de verdade desse sujeito? De que forma e por que a palavra do médico sobressai em relação à palavra de Maria? Por que o narrador induz pistas ao longo do conto sobre certas atitudes da personagem central? Maria era ou não louca? Para responder a tais questionamentos, estamos partindo do pressuposto de que o silenciamento/apagamento de Maria está bastante relacionado aos ideais dos hospícios.

Neste trabalho, estabelecemos um diálogo com Foucault (2010) sobre as relações de poder, vontade de verdade, exclusão, interdição do discurso, de modo a entender sobre o discurso propagado no e sobre o hospício em que Maria foi levada sem que tivesse conhecimento para onde estaria indo. Também estabelecemos um diálogo com Orlandi (2007) sobre o silenciamento, para tratarmos dos variados sentidos que o silêncio produz, desse modo, fizemos uma análise dos excertos do conto para entendermos detalhadamente os acontecimentos desse conto.

O trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: este capítulo introdutório, um capítulo teórico sobre a Análise do Discurso Francesa, um capítulo sobre o conto “Só vim telefonar”, de Gabriel Garcia Márquez, a metodologia empregada, um capítulo de análise dos dados, as considerações finais e o conto em anexo.

2 PANORAMA GERAL DA ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA

A Análise do Discurso de linha Francesa (AD) surgiu na década de 1960 a partir das reflexões de Pêcheux e um grupo de estudiosos de diferentes áreas, entre eles Fronçoise Gadett, Paul Henry, entre outros, sobre sujeito, discurso e ideologia. Por seu caráter multidisciplinar, a AD visa entender a linguagem em suas diferentes formas de materialidade, como elemento fundamental para a constituição das relações sociais. Desse modo, os estudos do discurso envolvem a situação de interação, as condições de produção de um dado dizer, o contexto sócio-histórico envolvido e a ideologia propagada pelas ações envolvidas em cada acontecimento discursivo. Nesse sentido, para a Análise do Discurso, é essencial considerar os fatores sociais, ideológicos, políticos e históricos que os discursos assumem, além de levar em conta os efeitos de sentido promovidos em cada situação.

Os estudos do discurso, de acordo com Brandão (2004), se intensificaram a partir das inquietações dos formalistas russos ao questionarem os estudos linguísticos. Tais estudiosos buscavam ir além dos níveis transfrásticos, ou seja, objetivavam estudar a estrutura do texto e os sentidos promovidos por meio dele. Brandão (2004) afirma que os anos 50 foram importantes para a constituição de uma disciplina da análise do discurso. Segundo a autora, ao situar-se o contexto histórico do surgimento da AD, percebe-se que essa disciplina inscreveu-se em um quadro teórico que articula, sobretudo, o linguístico, o histórico e o social. Ou seja, segundo a autora, essas perspectivas convergem para um ponto comum: a interdisciplinaridade já que a articulação entre linguagem e sociedade é uma preocupação não só de linguistas, como também de historiadores e de alguns psicólogos.

Malidier (2003), ao refletir sobre a história da Análise do Discurso francesa, ressalta que

(...) após a grande virada da conjuntura teórica-política iniciada em torno de 1975, assiste-se, entre outros fenômenos, a uma total recomposição do campo da análise do discurso francesa. As divergências iniciadas regulam, desde então, o modo de reconstrução-reconfiguração da disciplina. A análise de discurso está presente em toda parte, mas a análise do discurso francesa está, talvez, presente de forma mais intensa.” (Malidier, p. 10)

A AD tem por embasamento teórico o marxismo e a linguística. Isso em razão de um projeto político cuja ótica amplia os modos de abordar a política e a história. Fica claro, então, que a AD é um modo de leitura. Logo, torna-se crucial entender que a AD propõe maneiras de estabelecer uma relação entre língua e história, no entanto esse entendimento nem sempre alcança uma harmonia entre a descrição e a interpretação de um corpus. Isso ocasiona, muitas vezes, desconstruções/reconfigurações da AD.

Pêcheux (2012), ao estudar o discurso, utilizou como fundamentação do quadro teórico da AD as reflexões apresentadas por Foucault sobre discurso, formação discursiva e acontecimento. Pêcheux (2012) ainda pontua a possibilidade de outro caminho possível que consistiria em partir de uma questão filosófica; “por exemplo, a da relação entre Marx e Aristóteles, a propósito da ideia de uma ciência da estrutura.” No entanto, ele percebe que encontrará dificuldades em estudar tantos acervos filosóficos por se tratar de um arquivo que perpassa mais de dois anos de história. E, por isso, parte para um terceiro caminho que é, finalmente, o da Análise do Discurso de linha francesa que colocará em pauta a relação entre a análise como descrição e a análise como interpretação. Nesse sentido, inicialmente, há a abordagem de três caminhos possíveis para a Análise do Discurso: o acontecimento, a estrutura e a interpretação.

Os estudos de Pêcheux (2012) e seus amigos trouxeram uma abordagem distinta ao pensar na Ciência da Linguagem. A análise de discurso surge, então, com questões que contradizem o formalismo “fechado” da linguagem, defendendo a exterioridade necessária ao discurso. Pêcheux (2012) apropria-se da noção de formação discursiva (FD) e a ressignifica no campo da análise do discurso. E ainda introduz um outro olhar sobre o sujeito, situando-o no campo das representações sociais. Para o autor, o sujeito é o resultado da relação existente entre história e ideologia e se constitui na relação com o outro. Por não ser a origem do sentido, o sujeito está condenado a significar o mundo por meio de um já-dito e já-mostrado, além de ser atravessado pela incompletude. O sentido desliza e define a inserção do sujeito atravessado por diferentes FD.

Conforme Pêcheux (2012), toda FD remete a uma dada formação ideológica. O sujeito assume representações a respeito de si mesmo, do interlocutor e do assunto abordado. Para o autor, o sujeito não é uno já que ele se comporta de maneiras distintas, ou seja, assume posições-sujeito variantes conforme as formações discursivas e ideológicas em que se

encontra inserido. Ainda de acordo com o autor, a necessidade de trabalhar a materialidade linguística, as ideologias que perpassam os discursos, além da interdisciplinaridade, fazem da AD um campo de múltiplas significações, ou melhor, de possibilidade de sentidos. Isso se deve, principalmente, ao fato de que o enunciado propriamente dito vai muito além da materialidade linguística, pois é preciso considerar, em sua análise, os acontecimentos que o envolvem.

Ao refletir sobre a constituição da AD, Brandão (2004) afirma que Pêcheux desenvolve uma crítica marxista da concepção foucaultiana do que seria o discurso, considerada do ponto de vista da categoria da contradição e conclui sobre a necessidade de “uma apropriação do que o trabalho de Foucault contém de materialista”. É visando uma articulação entre a concepção de discurso de Foucault e uma teoria materialista do discurso que Pêcheux engloba três regiões do conhecimento necessárias á análise do discurso.

A primeira região do conhecimento necessária à análise do discurso, segundo a autora, é a histórica, como teoria das formações sociais e suas transformações que influenciam o sujeito. Em seguida, a linguística também tem seu papel importante como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação. Já a terceira área envolve a teoria do discurso, teoria da determinação histórica dos processos semânticos. A teoria materialista do discurso, nos estudos de Pêcheux, parte da base da semântica que não reside na linguística, da mesma forma que a fonologia, a morfologia e a sintaxe, mas que compõe os sentidos e as condições sócio-históricas do que é enunciado.

Ainda segundo Brandão (2004), Pêcheux coloca, dessa forma, duas noções fundamentais e opositivas. Primeiramente a noção de base linguística que associa-se aos aspectos internos da língua tais como: estrutura fonológica, morfológica e sintática. Ele aborda também a noção de processo discursivo-ideológico que se desenvolve a partir de leis internas; rejeita-se, assim, qualquer hipótese de utilização que não seja tendenciosa dos sistemas linguísticos. A partir da noção foucaultiana de sistema de formação que compreende regras discursivas, determinação do sujeito e estratégias, Pêcheux inscreve o processo discursivo em uma relação ideológica de classes, pois reconhece que se a língua é indiferente à divisão de classes sociais e a sua luta (por isso a relativa autonomia do sistema linguístico), estas (as classes sociais) não o são em relação à língua a qual utilizam de acordo com o campo de seus antagonismos.

Essa distinção fundamental leva a reconhecer que a língua constitui condição de possibilidade do discurso e que os processos discursivos constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido no discurso – a língua é o lugar material em que se realizam os efeitos de sentido. Portanto, se o processo discursivo é produção de sentido, o discurso é o “palco” em que as significações acontecem. E aqui o lugar específico da constituição dos sentidos é a formação discursiva – noção essa que juntamente com a de condição de produção e formação ideológica vai constituir uma tríade básica nas formulações teóricas da análise do discurso. (BRANDÃO, 2004)

Em seus estudos, Pechêux (2008) propicia reflexões em torno da “escritura”, ou seja, na possibilidade de uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise, o que reafirma o caráter interdisciplinar da AD. Nesse sentido, procura-se também entender o sentido polissêmico do termo “discurso”. Para tanto, o autor considera várias dimensões, como: as instâncias em que o discurso foi proferido, as questões históricas e sociais, além do interdiscurso, ou seja, a relação existente entre os discursos em um universo de diferentes formações discursivas. Dessa forma, evidencia-se que a linguagem é um processo que vai além do sistema interno e, portanto, formada de processos ideológicos.

2.1- Sobre discursos e relações de poder

O discurso, é, para Foucault (2010), um acontecimento constituído a partir de uma dispersão de textos e de ações que se processam no interior de uma formação discursiva. E, nesse sentido, o discurso faz-se do conjunto de enunciados que tem princípios e regularidades em uma dada formação discursiva. O fato de ele ser um acontecimento diz respeito a seu caráter histórico e ideológico, à sua unicidade manifestada em uma dada prática discursiva.

De acordo com Foucault (2010), o discurso configura-se nas relações de poder que atuam em uma sociedade. Para tanto, ele supõe que, em toda sociedade, seja ela qual for, o discurso produzido é simultaneamente controlado, selecionado, organizado e redistribuído por certo número de procedimentos e, conseqüentemente, é conjurado, ou seja, separa-se o que é ou não aceito na sociedade e como os sujeitos devem se comportar em uma dada prática social/discursiva. E esses procedimentos têm por função conjurar os poderes e perigos dos discursos em diferentes situações de interação.

Nesse sentido, Foucault (2012) aborda que, entre os procedimentos de exclusão, o mais evidente deles denomina-se interdição. Isso porque o discurso, a todo momento, é interdito, ou seja, “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 2012, p. 9). Além disso, o autor aponta a presença de pelo menos três tipos de exclusão que “se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar”. Para isso, enfatiza que a sexualidade e a política são os lugares em que o discurso exerce mais poder e, portanto, são as áreas que mais traduzem as lutas ou os sistemas de dominação das interdições.

Sob a perspectiva foucaultiana, os três grandes sistemas de exclusão que atingem os discursos são: a palavra proibida (quando se trata da sexualidade e da política), a segregação da loucura (ao discorrer sobre a oposição razão e loucura) e a vontade de verdade (ao pensar sobre a oposição entre o verdadeiro e o falso). Todos eles põem em jogo o poder e o desejo e a vontade de verdade, sobretudo, “assume a tarefa de justificar a interdição e definir a loucura” e por isso, a vontade de verdade nada mais é que o desejo e o poder (FOUCAULT 2010, p.17). A *segregação da loucura* diz respeito à palavra do louco, que pode até mesmo ser rejeitada já que supostamente ele não tem razão, operando por meio da separação e da rejeição, em que se identifica o poder da razão em detrimento da loucura. A *vontade de verdade* refere-se, no entanto, ao que é entendido como verdadeiro. Logo, percebe-se que as relações de poder se sobressaem nessas questões.

Além dos sistemas de exclusão, há vários outros procedimentos de controle e de delimitação do discurso. Os tipos de discursos explicados por Foucault (2012) exercem-se no exterior, logo põem em jogo o poder e o desejo. Há, no entanto, os procedimentos internos e que são de outra dimensão do discurso: a do acontecimento e do acaso. Para isso, fica evidente que esses discursos exercem seu próprio controle. Foucault aborda ainda que o texto primeiro é sempre atualizável, pois assume novos discursos ao ser proferido por outrem. Por outro lado, o *comentário* nada mais é que dizer enfim o que estava articulado silenciosamente em um já-dito. Diante disso, percebe-se que o comentário refere-se a um mesmo discurso que é dito de outras formas e por outros sujeitos, mas o que o torna verdadeiramente diferente é o acontecimento de sua volta.

Há também outro princípio do discurso que está relacionado ao autor – este visto não como aquele que pronunciou um dado dizer, mas como um conjunto de agrupamento do

discurso, como origem de suas significações, isto é, “o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades, seus nós de coerência, sua inserção no real.” (FOUCAULT, 2012). Portanto, para Foucault (2012), o discurso foi pouco a pouco ocupando o menor lugar possível entre o pensamento e a palavra.

Nesse sentido, percebe-se que o discurso é um tipo de reverberação de uma verdade e é preciso, constantemente, averiguar quais são os seus jogos e efeitos na sociedade e, por isso, é necessário optar por três grupos de funções: questionar nossa vontade de verdade; restituir ao discurso seu caráter de acontecimento; suspender, enfim, a soberania do significante. (FOUCAULT, 2012).

Foucault (2012), portanto, traz a partir dos desdobramentos dos significantes (manifestados nos discursos) quatro princípios reguladores e fundamentais para análise do discurso. Primeiramente, a noção de acontecimento em que o sujeito não assume o papel principal no discurso, mas sim os acontecimentos a sua volta. Já o segundo princípio, refere-se a noção de série em que se percebe que não há uma continuidade temporal. O terceiro princípio, por sua vez, diz respeito à regularidade, pois não existe produção discursiva regular já que ela depende, sobremaneira, dos acontecimentos. Já o quarto princípio, noção de condição de possibilidade, faz referência à ampla possibilidade na complexa rede de significantes.

Enfim, após as definições fundamentais da análise do discurso, seus princípios reguladores e suas inversões, torna-se possível então compreender os quatro princípios sugeridos pelo autor como método para a análise do discurso. O primeiro deles refere-se ao princípio de inversão, pois a partir dele propõe-se recortar algum trecho do texto e, em seguida, inverter o significado ora proposto, ou seja, evidenciar seus significantes. Já o segundo princípio é o de descontinuidade, em que se prova que não há um contínuo de verdade. Por conseguinte, o princípio de especificidade, em que o discurso proferido por autores validados não torna os significados propostos verdades universais e absolutas. Finalmente, no princípio de exterioridade, tem-se por objetivo a fixação das fronteiras do discurso – primeiramente no próprio discurso –, restringindo, portanto, a busca de um núcleo de verdades significativas. Em segundo lugar, pretende buscar a compreensão da rede de significantes – e não dos significados – estabelecida exteriormente e sobreposta no discurso analisado.

Foucault (2012) propõe duas distintas posturas para se analisar o discurso; um crítico e outro genealógico. O primeiro, o princípio de inversão, as formas de exclusão e de limitação. O segundo se propõe a entender como os discursos foram formados a partir de práticas e sistemas de coerção e analisa, também, quais foram as regras de produção e perpetuação desses discursos e quais são suas variações.

Os diferentes discursos que circulam em uma sociedade são propagados por sujeitos que assumem representações diferentes em função da prática a que se encontram inseridos. Cada prática requer do sujeito uma postura específica, levando-o a assumir um tom, uma corporalidade e um modo de se mostrar para o outro que atendam às demandas sociais. Esse modo de se mostrar será abordado no tópico a seguir a partir da noção de *ethos*, conceito revisado por Maingueneau em seus trabalhos a partir dos estudos clássicos.

2.2 A questão do Ethos

A princípio, a noção de *ethos* é vista como pertencente à tradição retórica, mas a abordagem retratada por Maingueneau (2001) traz o *ethos* como determinada posição discursiva assumida por um sujeito no curso de uma interação. Nesse sentido, ele elenca dois papéis fundamentais do *ethos*: reflexividade enunciativa e o efeito entre a relação corpo e discurso. Ou seja, o *ethos* para Maingueneau (2001) refere-se às formações pré-construídas que se tem de um sujeito em uma determinada prática discursiva e também às imagens que são construídas a partir do momento que esse sujeito se mostra para o outro.

Desse modo, fica claro que o *ethos* está intimamente associado à enunciação, ou seja, o *ethos* mostra-se. Embora a enunciação tenha papel crucial ao modo como o *ethos* será mostrado, ainda assim, torna-se essencial levar em consideração as representações que o público faz a respeito do *ethos* do enunciador. Desse forma, o *ethos* revela-se pelo caráter, conjunto de traços psicológicos, e/ou pela corporalidade, que são gestos e posturas. Isso se deve às representações sociais que o fiador segue e pelas estereotipagens construídas discursivamente.

O autor ainda traz a noção de incorporação que designa a necessidade de fazer do *ethos* parte significativa do discurso, ou seja, mostrar que ele também é parte importante, afinal, trata-se da imagem que o sujeito projeta de si mesmo em uma instância discursiva. Portanto, percebe-se o alto grau de persuasão que o *ethos* tem no discurso. Ademais, o Maingueneau também evidencia a noção tanto de corpo “dito” quanto de corpo “mostrado”. O

primeiro refere-se ao discurso pré-estabelecido pelo fiador enquanto o segundo relaciona-se, significativamente, em relação aos gestos, às ações que pratica e à própria corporalidade que o enunciador encarna ao proferir um discurso.

Maingueneau (2001) também explora os *ethos* híbridos, ou seja, discursos que embora sejam diferentes misturam-se em um enunciado em um determinado contexto. Para tanto, ele cita um excerto em que há traços de *ethos* de mediador cultural e de *ethos* rural convencional. Portanto, o autor demonstra que por meio da incorporação que esse *ethos* assume o caráter híbrido, que integra duas incorporações específicas em um mesmo sujeito e em uma mesma situação de interação. Ao se mostrar, o sujeito assume duas “performances” que se entrecruzam e se articulam em um *ethos* híbrido.

Amossy (2005) traz as noções de *ethos* discursivo e *ethos* pré-discursivo que são essenciais para a compreensão das expectativas sobre um enunciador e sobre o enunciado. Isso porque os textos materializam-se em gêneros de discurso que já pré-determinam, muitas vezes, as intenções discursivas e as regularidades do modo como algo pode e deve ser dito. Além disso, a autora enfatiza que o caráter, sob a perspectiva discursiva, refere-se aos traços psicológicos, enquanto a corporalidade está relacionada aos comportamentos que o *ethos* tem em uma situação específica. Logo, fica claro que esse *ethos* segue representações sociais que o levam a enquadrar-se nos estereótipos socioculturais regulada por determinações de como um sujeito deve se apresentar para o outro em situações específicas.

Nesse sentido, o fiador precisa legitimar sua forma de dizer e, para tanto, ele tem de apresentar-se de maneira convincente – isso só é possível caso ele associe bem os traços psicológicos a sua própria corporalidade. Com efeito, percebe-se a necessidade de conciliar a organização dos conteúdos e o modo como a cena em que as ações do sujeito se legitimarão. O *ethos* assume papel crucial no discurso, isso porque ele precisa ancorar-se a discursos que lhe conferem legitimidade. Nesse sentido, a imagem que ele produz socialmente só terá validade caso o sujeito que diz tenha autoridade para dizer. Além disso, é preciso considerar também o contexto social, histórico e discursivo no qual esse sujeito está inserido para então dar credibilidade ao que ele diz.

Ao considerar que o enunciado não tem significado sozinho, a autora traz as noções de Maingueneau (2001) para definir e entender a enunciação como a articulação entre cena englobante, cena genérica e cenografia. Isto porque os gêneros do discurso se realocam em

determinadas cenas que juntas compõem a enunciação. Para Amossy (2005), a cena englobante refere-se, substancialmente, ao tipo de discurso assumido, ou seja, aos padrões que aquele discurso assume socialmente. Já a cena genérica, por sua vez, está intrinsecamente relacionada às instituições discursivas, seja elas quais forem. A cenografia, por seu lado, correlaciona com o tempo (cronografia) e o lugar (topografia) do discurso.

O enunciado se dá a partir de um enunciador e de todo o corpo social que habita cada dizer, o discurso que o perpassa e, portanto, o que ele mostra torna-se fundamental para configurar o que ele diz. Destarte, as noções de corpo dito e corpo mostrado trazem, conforme a autora, a significação para o discurso já que essas noções implicam na maneira pela qual o público assumirá as representações em um determinado contexto. Desse modo, cabe realçar que, para a autora, tanto o *ethos* discursivo quanto o *ethos* institucional acontecem simultaneamente em um discurso. Isso se deve aos papéis que o *ethos* assume e, conseqüentemente, isso influencia, sobremaneira, no modo como o sujeito vai proferir um discurso.

2.3 Silêncios, silenciamentos e apagamento do sujeito nas relações sociais

Para analisarmos o silenciamento no conto “Só vim telefonar”, de Gabriel Garcia Márquez, partiremos dos estudos de Pêcheux, Foucault e Maingueneau sobre discurso e repressetnação do sujeito e de Orlandi (2007) sobre os sentidos do silêncio e os efeitos que ele supõe nas diversas ações de linguagens. A autora demonstra, dentre outras questões, como o silêncio não é algo implícito, pois há nele sentido, isto é, constrói-se significação no silêncio. O ponto de partida da autora gira em torno da seguinte assertiva:

“1. há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. Há silêncio nas palavras. 2. O estudo do silenciamento (que já não é silêncio mas “pôr em silêncio”) nos mostra que há um processo de produção de sentidos silenciados que nos faz entender uma dimensão do não-dito absolutamente distinta da que se tem observado sob a rubrica do “implícito”. (ORLANDI, 2007, p.12)

Segundo Orlandi, o silêncio é passivo de sentido, tendo em vista que o dizer está intimamente relacionado com o não dizer. O silêncio, portanto, não é a incompletude da linguagem, mas faz parte do funcionamento discursivo. Desse modo, fica evidente que ele - o silêncio - está presente na noção de censura, vista aqui como um fato produzido pela história. Isso se deve ao processo de silenciamento que certas situações impõem e que, por isso,

limitam as ações dos sujeitos. Ora, o “silêncio”, longe de ser algo sem importância é, antes de mais nada, tido como “fundante”, já que, além de ter significação, é fundado à medida em que o silêncio é “fala”, é também a base para a fala ou é responsável por algum tipo de “apagamento” discursivo.

Ademais, a autora ancora-se nas teorias pècheutianas ao trazer à tona as noções de imaginário, real e simbólico e associá-las à ideologia e à determinação histórica. Para tanto, ela demonstra que Pechêux conceitua interdiscurso como algo múltiplo de outros discursos e, conseqüentemente, é possível estabelecer um paralelo entre o próprio interdiscurso e o silêncio já que este também possibilita a construção do imaginário. Nesse sentido, Orlandi (2007) defende que o trabalho com o silêncio é compreender os efeitos de sentido que ele promove em uma dada situação discursiva, isto é:

Falar em “efeitos de sentido” é pois aceitar que se está sempre no jogo, na relação das diferentes formações discursivas, na relação entre diferentes sentidos. Daí a presença do equívoco, do sem-sentido, do sentido “outro” e, conseqüentemente, do investimento em “um” sentido. (ORLANDI, 2007, p.22)

Deste modo, Orlandi denota a relação entre o silêncio fundador e a história, o que estabelece um vínculo com o imaginário. Indica, também, a relação entre língua e ideologia – isso porque o silêncio, fundamentalmente, possui sentidos e ele é fundador, pois é o responsável pelos movimentos dos sentidos. Diante disso, a autora distingue, basicamente, o silêncio em:

“a) silêncio fundador, aquele que existe nas palavras, que significa o não-dito e que dá espaço de recuo significante, produzindo as condições para significar; b) a política do silêncio, que se subdivide em: b 1) silêncio constitutivo, o que nos indica que para dizer é preciso não-dizer (uma palavra apaga necessariamente “outras” palavras); b 2) o silêncio local que se refere à censura propriamente (àquilo que é proibido dizer em uma certa conjuntura)”. (ORLANDI, 2007, p.24)

Com base nos estudos de Orlandi (2007), torna-se claro que a reflexão sobre o silêncio evidencia a complexidade da análise do discurso, visto que são vários os sentidos produzidos e, portanto, são várias as ações que esses sentidos promovem. A autora também aborda sobre a relação entre silêncio e sentido; os limites do método e da observação do silêncio e a relação que este estabelece com o sujeito e com a história. Orlandi (2007) traz ainda a questão do

discurso atrelada à questão do silêncio. Desse modo, ela deixa claro que a perspectiva do analista do discurso é diferente quanto às interpretações da religião e à política, pelo fato de que o que funciona na religião é a onipotência do silêncio divino, ou seja, o homem necessita do silêncio para significar sua fé.

Em relação à política do silêncio, ou melhor, ao silenciamento, segundo Orlandi, torna-se fundamental pensar o silêncio além da sua dimensão política e, portanto, refletir sobre a própria linguagem. A autora afirma que o silêncio é, por excelência, fundante, ou seja, o real da significação, assim sendo ele é o real do discurso. A qualquer custo o homem precisa significar e isso o leva a refletir, incansavelmente, sobre os sentidos de tal forma que tudo tem que fazer sentido. Com o propósito de significar, o homem estabelece uma relação necessária com a linguagem e, dessa maneira, a questão trazida por Orlandi é bastante ilustrativa já que:

“Só se pode pensar no silêncio, sem cair na armadilha dessa relação, quando se pensa o “avesso da estrutura”, sem o binarismo, sem as oposições e regras estritas e categóricas. Quando se pensam radicalmente não os produtos mas os processos de significação, isto é, o discurso” (ORLANDI, 2007, p.30-31)

Ademais, a autora afirma que o silêncio é, ele diz e ele significa, isto é, a linguagem aparece como “figura” e o “silêncio” como fundo. Percebe-se, portanto, que o silêncio é o invisível já que ele não é dado e, por isso, permite interpretações. Além disso, o silêncio fala porque, ao ficar em silêncio, os gestos mudam, as expressões são outras e os pensamentos continuam fluindo.

De certo, o silêncio torna-se essencial no processo de significação uma vez que sem ele não há sentido. Igualmente, a autora, destaca o implícito de modo que ele também é responsável pelas significações. Nesse, contudo, há uma parte visível. Por outro lado, no silêncio também há partes visíveis, mas é preciso observá-lo indiretamente por métodos discursivos, sejam históricos, sejam culturais, sejam políticos.

A significação do silêncio, por sua vez, leva a pensá-lo de modo a problematizar a linearidade, a literalidade e a completude, pois inquestionavelmente o silêncio significa de modo contínuo. Percebe-se que a sua literalidade está associada à elipse, ou seja, ao

subentendido e, por fim, ele é incompleto, visto que isso é fundamental no dizer. A partir dos limites da dialogia do silêncio, percebe-se que a relação do sujeito com o silêncio revela-se na opacidade do Outro. Desse modo, fica evidente, para a autora, que a relação de interlocução é atravessada pela des-organização do silêncio. Assim sendo, a não completude é própria do processo discursivo, visto que o silêncio está na constituição do sujeito e do sentido.

Orlandi, ainda, chama a atenção para a questão da descentração do sujeito, que é um princípio constitutivo da análise do discurso, ou seja, pela reflexão sobre os processos significativos do silêncio. Dessa maneira, ela coloca em evidência a seguinte ideia:

Ao mesmo tempo, a observação da materialidade (significativa) do silêncio nos permite ser críticos em face da afirmação categórica de que a linguagem não tem exterior (Barthes, 1978). Essa é uma afirmação que não conhece a contradição, que elide o funcionamento paradoxal dos sentidos. (ORLANDI, 2007, p.51)

Orlandi (2007) apresenta caracterizações de silêncio, como: a) esse caso não é da sua conta; b) esse caso não existe; c) esse caso não é significável; d) esse caso não é da minha conta. Embora essas caracterizações sejam definidas como negativas, ainda assim, elas são responsáveis por produzirem sentido, principalmente, no que concerne ao silêncio fundante e á política do silêncio (silenciamento). Para tanto, torna-se fundamental compreender que sem silêncio não há sentido porque o silêncio é a matéria significativa.

Por conseguinte, a autora traz a questão do silêncio fugaz visto que o “homem não o suporta e assim não lhe permite senão uma existência efêmera.” (ORLANDI, 2007). A partir dessa reflexão, entende-se que é necessário um aparato discursivo abrangente para compreender os processos discursivos que envolvem o silêncio já que ele não é imediatamente visível ou interpretável. Orlandi procura evidenciar que o silêncio é significação. E, conseqüentemente, traz as diferentes formas de silêncio que estão pautadas no implícito, ou seja, o silêncio não precisa ter relação com o dizer para significar. Desse modo, urge, também, o silêncio fundante, ou seja, aquele responsável por significar nas entrelinhas. Cabe ressaltar, ainda, que, segundo a autora, o silenciamento como uma política do sentido é um recorte daquilo que se quer dizer e, portanto, ao dizer algo, apagamos todo o restante.

Para a compreensão do que é censura, na visão de Orlandi, cabe evidenciar que certas palavras são proibidas para se proibirem, também, certos sentidos, como bem retratou Foucault (2010) em seus estudos sobre os interditos. Dessa forma, a censura impõe sentido e o discurso é responsável pelo entendimento da relação sujeito-Outro. Além disso, percebe-se a íntima relação existente entre o sujeito, o silêncio, o sentido que ele provoca e a história pertencente ao sujeito. A autora conclui seu pensamento afirmando que:

“Em suma, é o silêncio fundador que produz um estado significativo para que o sujeito se inscreva no processo de significação, mesmo na censura, fazendo significar, por outros jogos de linguagem, o “y” que lhe foi proibido”.(ORLANDI, 2007, p.86)

Ao buscar definir silêncio, o texto em questão dialoga com algumas ideias mais aprofundadas sobre censura e resistência enquanto fato de linguagem. Para tanto, a autora elenca que o poder se exerce acompanhado de um certo silêncio e, por isso, tem caráter opressivo. Desse modo, surge o silêncio do oprimido que nada mais é que o discurso da resistência, visto que é uma oposição ao poder. Em consequência disso, percebe-se que o silêncio não é transparente, isto é, ele também possibilita, tal como os dizeres, várias produções de sentido. Já a censura diz respeito à interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Nesse sentido, o enfoque se dá no silêncio local que dará ênfase na questão da interdição, isso porque o sujeito não pode dizer qualquer coisa em qualquer lugar, mas isso não quer dizer que ele não tenha informações sobre aquilo, ele apenas não pode proferir (interdito).

Orlandi (2007) também situa a questão do silêncio como cópia e reflexão e evidencia que a ideia de autoria é, muitas vezes, apagada. Desse modo, discute-se até mesmo a questão do plágio e as relações existentes entre ele e a alteridade, visto que os discursos se entrecruzam e, por isso, pode-se dizer que eles não têm dono, pelo menos não se pode atribuir a eles uma única autoria. Vale lembrar com Bakhtin (2002, p. 291) que o discurso é polifônico, uma vez que aquele que diz é

(...) em certo grau, um respondente, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência de enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu

próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo na cadeia muito complexa de outros enunciados.

Dessa forma, toda forma de enunciação consiste em um diálogo contínuo entre um já-dito, já-mostrado e o que se pretende com esse dizer. Um dado enunciado se torna outro ao se inserir em uma outra enunciação. Esse enunciado provém de dizeres proferidos anteriormente e se projeta em futuras enunciações. Outra questão a ser ressaltada diz respeito à historicidade do discurso já que, para um discurso ter validade, ele precisa ter habitado outros dizeres, mesmo que dito de outra maneira ou mesmo que censurado em outras enunciações. A ideia de censura relaciona-se com o silêncio e coloca em evidência essa noção atrelada a autoria uma vez que ser autor também faz parte dessa questão do que se pode ou não dizer em determinadas circunstâncias.

Orlandi (2007) concebe o silêncio como algo estritamente relacionado aos estudos da linguagem já que ele produz sentido nos atos de linguísticos. Para a autora, antes mesmo do dizer, ou seja, da materialização da palavra, o silêncio já existia. Ademais, são explicitadas questões relacionadas com as formações discursivas já que o silêncio está presente nelas – o silêncio é sentido, ou melhor, produz sentidos.

Feitas essas considerações a respeito do silêncio, partiremos agora para a contextualização do conto “Só vim telefonar” de forma que possamos analisar como se apresenta o silenciamento e, conseqüentemente, o apagamento no que diz respeito à obra aqui analisada. Primeiramente, o conto será contextualizado e, em seguida, será apresentada a análise.

3 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CONTO: “SÓ VIM TELEFONAR”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ

Alguns conceitos da Análise do Discurso de linha francesa são abordados neste estudo com o intuito de analisar o conto “Só vim telefonar” que consta no livro “Doze contos peregrinos”, de Gabriel García Márquez, publicado em 1992. A história narrada no conto tem efetiva importância no que diz respeito à representação social da loucura, ou seja, a estereotipia do louco, à vontade de verdade que impera em um dado acontecimento e ao silenciamento, como forma de apagamento do sujeito “louco”. Para tanto, uma contextualização do conto será feita a fim de tornarem perceptíveis alguns traços antes mesmo que a análise propriamente seja realizada.

O conto “Só vim telefonar” relata a história de uma moça de 27 anos, bonita e séria, atriz mexicana cujo nome era Maria de la Luz Cervantes. Ela é a personagem central da história e é casada com um prestidigitador de salão com quem iria se reunir no dia em que, em meio a chuvas primaveris, o carro dela apresentou uma pane na estrada no deserto dos Monegros, entre Saragoça e Barcelona. Após quase uma hora de sinais desesperados em busca de ajuda, eis que um chofer de ônibus se propõe a ajudá-la.

Ao abordar o motorista, a mulher diz que só precisaria dar um telefonema ao marido informando-o que iria se atrasar. Quando ela entrou no ônibus que supostamente a levaria para fazer o telefonema, deparou-se com várias mulheres dormindo dentro dele e, posteriormente, levada pelo cansaço também fez isso. Ao acordar, no meio da noite, Maria percebe que o ônibus havia entrado no pátio empedrado de um edifício enorme e sombrio que assemelhava-se a um velho convento. Ela ainda vê mulheres uniformizadas e enfileiradas e imagina que aquelas mulheres eram freiras.

No entanto, Maria estava em um hospício e pouco a pouco estava sendo inserida no grupo das mulheres loucas, isso porque, ao dizer que estava ali para dar um telefonema, uma das guardas lhe disse “- Por aqui, gracinha, o telefone é por aqui”. A atitude da mulher de uniforme demonstrava que Maria estava sendo tratada como louca. Ainda sim Maria repetia constantemente que precisava telefonar, mas os seus dizeres

como todos os outros ali presentes já não tinham credibilidade. Uma guarda, ao perguntar o nome dela, não o encontrou na lista, mas mesmo assim considerou que ela, de fato, pertencessem àquele lugar e a moça foi conduzida ao quarto em que ficaria a partir daquele momento.

A narrativa deixa transparecer a ideia de que o marido de Maria não lhe dava tanta credibilidade já que muitas vezes antes ela já havia sumido e ele desconfiava que ela o traía. Desse modo, embora ele a procurasse, com o passar do tempo, percebe-se que, de certo modo, havia perdido as esperanças de encontrá-la. Um dia, no entanto, Maria aproveitando-se do descuido dos funcionários consegue o telefone e, finalmente liga para o marido que imediatamente diz: “Putá!” e desliga o telefone. Após muitas tentativas Maria recorre a Herculina, uma das guardas, e pede que ela a ajude a falar como o marido. Ela consegue fazer contato com ele e, ao visitar Maria, no sanatório, ele também passa a acreditar que ela está louca. No entanto, o mais crucial é que a própria Maria, diante dos acontecimentos, assume-se como louca.

Feita essa breve contextualização do conto (anexo), a seguir passaremos à análise dos fatos relatados a partir da ótica da AD. Retomaremos os conceitos apresentados anteriormente para refletirmos sobre o tratamento dado ao sujeito em um dado acontecimento a partir das ações propostas pelo próprio sujeito, pelas estereotípias sociais criadas em torno da loucura e das formas de silêncio que integram as relações de desejo e poder.

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa consiste em uma análise da representação social do sujeito em um dado acontecimento, do discurso que perpassa esse acontecimento, bem como das estereotípias que são evocadas na relação eu/outro e do silêncio/silenciamento presentes no conto “Só vim telefonar”, de Gabriel García Márquez. Para a realização deste trabalho, optamos pela construção de um quadro teórico centrado em estudiosos do discurso, mais precisamente, da Análise do Discurso de orientação francesa. Contribuíram para a presente proposta autores como: Maingueneau (1987), Brandão (2004), Foucault (2010, 2012), Orlandi (2007, 2010, 2015), Pêcheux (1995, 2008), entre outros estudiosos da área.

Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico que visa refletir sobre a proposta teórica da AD e sua aplicabilidade na leitura de um texto literário que tem como personagem central Maria, uma mulher jovem que, por engano, é internada em um hospício. Ou seja, o ponto de partida das reflexões propostas neste estudo é o conto “Só vim telefonar” (anexo) que integra o livro “Doze contos peregrinos”, produzido pelo autor “espanhol” sobre o estigma da loucura.

5 SILÊNCIO, SILENCIAMENTO E ETHOS EM ANÁLISE

Como forma de observarmos os conceitos aqui apresentados, principalmente no que se refere ao *ethos*, ao interdito e ao silenciamento, partiremos para a análise do conto “Só vim telefonar”, de Gabriel García Márques. Para tanto, recorreremos a diversos trechos da história a fim de ilustrar como a obra evidencia a loucura e a forma que ela é vista na e pela sociedade. O conto “Só vim telefonar” traz de imediato a imagem que o sujeito constrói de si mesmo em uma dada prática discursiva, ou seja, a incorporação de um *ethos*. Maria,

protagonista da trama, projeta uma imagem de si para o outro e não necessariamente essa imagem projetada por ela será recebida pelo outro da mesma maneira. Vale ressaltar que essa projeção do *ethos* não corresponde a um autorretrato, nem às evidências comportamentais do sujeito, mas sim a um conjunto de representações sociais que são responsáveis pelo modo de agir de um sujeito em uma dada situação de interação.

Nesse sentido, cabe ressaltar o que Amossy (2005) afirma em relação ao *ethos*, uma vez que há duas categorias: i) o *ethos* discursivo: a imagem que o sujeito projeta de si mesmo em uma determinada prática discursiva, como podemos observar na caracterização das ações de Maria – *parecia um passarinho ensopado, com um agasalho de estudante e sapatos de praia em abril, e estava tão atordoada por tudo que esqueceu de levar as chaves do automóvel* – e nos dizeres repetitivos que ela profere ao enfatizar constantemente *só vim telefonar, só preciso de um telefone, é que só vim telefonar, juro pela minha mãe morta que só vim telefonar*; ii) o *ethos* pré-discursivo – construído pelo público antes mesmo que o sujeito do discurso se mostre, ou seja, há uma imagem preexistente do sujeito que exerce uma dada prática discursiva. Este pode ser exemplificado pelas circunstância que levam as pessoas a acreditarem que Maria era uma das mulheres que estavam sendo conduzidas ao manicômio, pelo fato de ela estar dentro daquele ônibus em que há enfermas mentais e, conseqüentemente, por chegar ao local junto com o grupo que seria internado. Tanto o *ethos* pré-discursivo quanto o *ethos* discursivo são associados às estereotipagens estabelecidas socialmente. As pessoas que a receberam no manicômio constataram, por meio dos estereótipos, que ela também era uma pessoa com transtornos mentais – os dizeres proferidos por Maria só confirmaram tal constatação.

Logo, presume-se que a estereotipagem também está relacionada às características aceitas e/ou rejeitadas socialmente. Por meio dessa constatação, é possível abordar algumas questões relacionadas ao sujeito que se encontra situado numa dada posição social. Isso se

deve ao fato de que o *ethos* revela-se pelo caráter, conjunto de traços psicológicos, pela corporalidade, que são gestos e posturas assumidas pelo sujeito nas práticas discursivas, ou seja, referem-se às representações sociais que o fiador segue e que, portanto, o inscrevem em uma dada estereotipagem. Ao estar integrada naquele grupo, Maria também foi considerada como louca, antes mesmo que ela se justificasse. O excerto 1 abaixo evidencia esse estereótipo:

Excerto 1

A mulher fez adeus com a mão, e quase gritou: "Boa sorte.", O ônibus arrancou sem dar tempo para mais nada. Maria começou a correr para a entrada do edifício. Uma guarda tentou detê-la batendo palmas enérgicas, mas teve que apelar para um grito imperioso: "Eu disse alto!", Maria olhou por baixo da manta, e viu uns olhos de gelo e um dedo inapelável indicando a fila. Obedeceu. Já no saguão do edifício separou-se do grupo e perguntou ao porteiro onde havia um telefone. Uma das guardas fez com que ela voltasse para a fila dando-lhe palmadinhas nas costas, enquanto dizia com modos muito suaves: - Por aqui, gracinha, o telefone é por aqui.

Por se tratar de um hospício, há sob esse ambiente uma representação cultural preexistente, o que configura-se como um modelo pré-construído socialmente, ou seja, os sujeitos, no caso Maria e as outras mulheres que integram o ambiente hospitalar apresentado no conto são percebidas e avaliadas de uma forma estereotipada pela comunidade, visto que o fato de esses sujeitos – “mulheres loucas” – dizerem de um determinado local – sanatório – já induz expectativas sobre o *ethos*. Dessa maneira, podemos perceber como Maria vai pouco a pouco perdendo a credibilidade dos seus dizeres naquele determinado contexto, ela é silenciada pelo ambiente e por um pré-construído a respeito do louco. A sua intenção inicial – conseguir dar um telefonema avisando ao marido que iria se atrasar – perde forças. No conto, essa perda de credibilidade do seu dizer e de sua postura explicita-se quando ela tenta explicar o que ocorreu, mas apesar de ser ouvida, não é atendida pelo fato de o “louco” ser tratado socialmente como o sujeito que não tem capacidade para dizer de si mesmo, conforme pode ser observado no excerto 2 a seguir.

Excerto 2

Explicou-lhe com muita pressa que seu automóvel havia quebrado na estrada. O marido, que era mago de festas, estava esperando por ela em Barcelona para cumprir três compromissos até a meia-noite, e queria avisá-lo que não chegaria a tempo para acompanhá-lo. Eram quase sete da noite. Ele sairia de casa dentro de dez minutos, e ela temia que cancelasse tudo por causa de seu atraso. A guarda pareceu escutá-la com atenção.

- Como é o seu nome? - perguntou.

Maria disse como se chamava com um suspiro de alívio, mas a mulher não encontrou seu nome depois de repassar a lista várias vezes. Perguntou alarmada a uma guarda, e esta, sem nada para dizer, sacudiu os ombros.

No espaço discursivo do conto – o interior de um ônibus com as enfermas mentais e o próprio sanatório – Maria apresenta um tom e uma corporalidade, inscritos no modo enunciativo, que lhe atribuem a posição de fiadora de seu discurso, mas as circunstância em que se encontra silencia esse ethos e a inscreve no espaço do discurso do louco. Sua voz não é ouvida e quanto mais ela repete a frase “só vim teleformar” até mesmo o leitor é levado a duvidar de sua sanidade mental. Corrobora essa ideia o modo como o narrador a descreve:

Excerto 3

“Havia feito isso três vezes com três homens diferentes, ele inclusive, nos últimos cinco anos. Havia abandonado-o na Cidade do México seis meses depois de conhecê-lo, quando agonizavam de felicidade com um amor demente num quarto do bairro Anzures. Certa manhã, Maria não amanheceu em casa depois de uma noite de abusos inconfessáveis. Deixou tudo que era dela, inclusive a aliança de seu casamento anterior, e uma carta na qual dizia que não era capaz de sobreviver ao tormento daquele amor desatinado. Saturno pensou que havia voltado ao seu primeiro marido, um condiscípulo da escola secundária com quem se casou às escondidas sendo menor de idade, e a quem abandonou por outro depois de dois anos sem amor.”

A representação da personagem trazida pelo narrador é de um sujeito que já apresentava anteriormente pistas de alguém que rompe com ideias socialmente padronizadas como pessoas “normais”, que age de forma impulsiva, o que deixa o leitor em uma posição de conflito: afinal, ela apresenta ou não apresenta, de fato, algum tipo de transtorno? Ao longo da trama, o modo de se posicionar discursivamente de Maria matem a dúvida em relação à sua sanidade mental. Ao decorrer da história, o narrador traz traz outras pistas da maneira de agir da personagem, antes mesmo de ela ter desaparecido. Isso é evidenciado no excerto 4:

Excerto 4

O receio de que Maria pudesse ir embora outra vez havia assaltado Saturno na Páscoa em Cadaqués, onde Rosa Regás os havia convidado para velejar. Estávamos no Marítim, o populoso e sórdido bar da gauche divine no crepúsculo do franquismo, em volta de uma daquelas mesas de ferro com cadeiras de ferro onde só cabiam a duras penas seis e sentavam vinte. Depois de esgotar o segundo maço de cigarros da jornada Maria percebeu que não tinha fósforos. Um braço esquelético de pelos viris com uma pulseira de bronze romano abriu caminho através do tumulto da mesa e ofereceu-lhe fogo. Ela agradeceu sem olhar quem era, mas o Mago Saturno viu. Era um adolescente ósseo e lampinho, de uma palidez de morto e um rabo-de-cavalo de cabelos muito negros que chegavam até a sua cintura. As janelas do bar mal suportavam a fúria da tramontana da primavera, mas ele ia vestido com uma espécie de pijama de usar na rua, de algodão cru, e umas tamancas de lavrador. Não tornaram a vê-lo até o fim do outono, numa pensão de mariscos de La Barceloneta, com o mesmo conjunto

de saraça ordinária e uma longa trança em vez do rabo-de-cavalo. Cumprimentou-os como se fossem velhos amigos, e pelo modo com que beijou Maria, e pelo modo com que ela correspondeu, Saturno foi fulminado pela suspeita de que haviam andado se encontrando escondidos. Dias depois encontrou por acaso um nome novo e um número de telefone escritos na caderneta doméstica, e a inclemente lucidez dos ciúmes revelou-lhe de quem eram. (pág.)

De acordo com Maingueneau (2001), o fiador precisa legitimar sua forma de dizer e, para tanto, ele tem de se apresentar de maneira convincente. Isso só é possível caso ele associe bem os traços psicológicos à sua própria corporalidade, ou seja, tenha coerência com suas atitudes anteriores. Com efeito, percebe-se que Maria trazia traços do *ethos* que já se mostrava-se discursivamente como uma pessoa cujo comportamento fugia aos padrões estabelecidos socialmente para uma esposa.

Logo no início do conto, Maria depara-se com um grupo de mulheres de idades incertas e em condições diferentes das vivenciadas por ela. A partir desses dados e da descrição do local “*no pátio empedrado de um edifício enorme e sombrio que parecia um velho convento num bosque de árvores colossais*”, percebe-se a caracterização institucional do que seria um “sanatório”. Além disso, confirmamos o caráter dessa instituição quando os comportamentos padrões são evidenciados: *mulheres de uniforme, que eram colocadas em fila indiana, palmas rítmicas e peremptórias*.

Ao estar inserida naquele local, o modo como Maria se posicionava discursivamente já não era legitimado mais, isso porque, ao pedir o telefone, percebe-se que há duas possibilidades: ela está delirando ou está tentando alcançar uma maneira de fugir daquele local. Esse fato nos remete ao segundo princípio de exclusão proposto por Foucault (2012), que diz respeito a uma separação e a uma rejeição, a oposição entre razão e loucura, ou seja, os dizeres proferidos por Maria, e o fato de ela ter descido de um ônibus com mulheres que estavam sendo conduzidas ao sanatório, foram decisivos na constatação de que se tratava de uma pessoa demente e, como tal, deveria ser excluída do convívio social. Isso fica evidente ao partirmos das situações presenciadas pelos loucos da Alta Idade Média, conforme nos lembra Foucault, pois o louco era aquele cujo discurso não era aceito como verdadeiro na sociedade. Segundo o autor, o louco poderia proferir uma verdade escondida ou prenunciar o futuro. Dessa forma, a palavra pronunciada pelo louco era rejeitada para preservar o sistema de dominação. Maria, portanto, fica à mercê daquele ambiente de dominação e, pouco a pouco, os próprios dizeres são silenciados.

Além disso, percebe-se que, por se tratar de um ambiente em que o louco não tem espaço para dizer, a questão da interdição torna-se, para Maria, um impasse já que sua voz

não tem credibilidade e tampouco seus pedidos são atendidos. Para Foucault (2012), o procedimento de exclusão mais evidente é a interdição. O controle exercido sobre o discurso, a todo momento, tem sua manifestação mais intensa no interdito. Retomando o pensamento do autor: “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa.” (FOUCAULT, 2012, p. 9). A partir do momento em que um sujeito é apontado como louco, o controle sobre o dizer desse sujeito se torna mais evidente. Desse modo, esse controle se dá à medida em que o médico tenta contornar a situação e até mesmo consolá-la. O excerto 5 a seguir mostra isso:

Excerto 5

Maria desafogou-se sem pudor, como nunca havia conseguido com seus amantes casuais nos tédios de depois do amor. Enquanto a ouvia, o médico a penteava com os dedos, arrumava o travesseiro para que respirasse melhor, a guiava pelo labirinto de sua incerteza com uma sabedoria e uma doçura que ela jamais havia sonhado. Era, pela primeira vez em sua vida, o prodígio de ser compreendida por um homem que a escutava com toda a alma sem esperar a recompensa de levá-la para a cama. Após uma longa hora, desafogada até o fim, pediu-lhe autorização para telefonar para o seu marido. O médico levantou-se com toda a majestade de seu cargo. "Ainda não, princesa", disse, dando em sua face o tapinha mais terno que ela jamais havia sentido. "Cada coisa tem sua hora.", Da porta, fez uma bênção episcopal, e desapareceu para sempre.

Com base nos estudos de Foucault (2010) sobre discurso e relações de poder, em que o discurso do louco não pode circular livremente, seja pelo fato de ele ser carregado de nulidade por construir-se de palavras soltas sem significado, seja por ou possui estranhos poderes materializados em palavras proféticas ou sobrenaturais. Outra questão relevante abordada pelo autor diz respeito à sexualidade, tratada socialmente como tabu. Por meio dos conflitos que emanam das relações de poder, é possível estabelecer uma análise das ações interpessoais inscritas no conto “Só vim telefonar”, com enfoque no silenciamento imposto a Maria, pelo médico, que se pauta na relação razão/loucura, e, principalmente, por sua superiora, Herculina, que tenta silenciá-la, naquele local, por meio do assédio sexual. No trecho a seguir, a relação de poder da guarda, naquele ambiente – o santório – silencia Maria.

Excerto 6

Desde sua primeira semana no sanatório, a vigilante noturna lhe havia proposto sem rodeios que dormisse com ela no quarto de guarda. Começou com um tom de negócio concreto: troca de amor por cigarros, por chocolates, pelo que fosse. "Você vai ter de tudo", dizia, trêmula. "Você vai ser a rainha.", Diante da recusa de Maria, a guarda mudou de método. Deixava papeizinhos de amor debaixo do travesseiro, nos bolsos do roupão, nos lugares menos imaginados. Eram mensagens de uma aflição dilacerante capaz de estremecer as pedras. Fazia mais de um mês que parecia resignada à derrota, na noite em que ocorreu o incidente no dormitório. Quando se convenceu de que todas as reclusas

dormiam, a guarda aproximou-se da cama de Maria, e murmurou em seu ouvido todo tipo de obscenidades ternas, enquanto beijava sua cara, o pescoço tenso de terror, os braços tesos, as pernas exaustas. No fim, achando talvez que a paralisia de Maria não era de medo e sim de complacência, atreveu-se a ir mais longe. Maria deu-lhe então um golpe com as costas da mão que mandou-a contra a cama vizinha. A guarda levantou-se furibunda no meio do escândalo das reclusas alvoroçadas. - Filha da puta - gritou. - Vamos apodrecer juntas neste chiqueiro até que você fique louca por mim.

A imagem construída em torno do louco e o do próprio discurso dele é pouco representativa na esfera social. Conforme Foucault (2010), o discurso do louco foi excluído e segregado na sociedade por representar um risco à ordem estabelecida ao desnudar os anseios e os impulsos humanos. Como controlar um discurso que não obedece às convenções e escancara as mazelas da sociedade? Desse modo, as relações de poder manifestadas pelos discursos do louco fazem com que a loucura seja negligenciada, silenciada e apagada. Maria, que até então levava uma vida aparentemente normal, a partir do momento em que é confinada em um hospício, sofre um apagamento promovido pela interdição de seu dizer, o que lhe conferia a mesma condição de louca que as outras mulheres internadas naquele local.

Ao analisarmos as diferentes situações pelas quais Maria passa no ambiente interno do hospício, identificamos alguns sentidos que podem ser associados ao silêncio e que envolvem esses fatos. Segundo Orlandi (2007), há várias formas de sentido do silêncio. O silenciamento em relação aos discursos e até mesmo em relação às atitudes de Maria aconteciam de múltiplas formas, seja pela falta de credibilidade em relação ao que ela dizia, seja pelas suas emoções (in)contidas, seja pelo assédio que ela sofria.

O silêncio manifesta-se de variadas formas até mesmo no apagamento em relação ao que ela diz. Quando ela pede para dar um telefonema, o seu dizer é ilegitimado, ou seja, ela já é tratada como louca. Isso se evidencia quando uma das guardas pronuncia de forma dissimulada, dando-lhe palmadinhas: *Por aqui, gracinha, o telefone é por aqui.* Ainda há o reforço do poder e, conseqüentemente, do silenciamento quando essa mesma guarda usa o seguinte jogo de manipulação: *se você se portar bem vai poder falar por telefone com quem quiser. Mas agora não, amanhã.*

Para os estudos de Orlandi (2007), o silêncio não é algo implícito, pois há nele sentido, ou seja, significação. Ele também não é algo incompleto já que é parte integrante do discurso. Ao analisar o conto, percebe-se que tanto o médico quanto o próprio marido de Maria apagam seus dizeres, não só por não deixá-la falar, como também por induzirem indícios de que ela, de fato, já estava enquadrada no status de louca antes mesmo de estar ali naquele sanatório. Nota-se que o silêncio está presente também na noção de censura. O trecho abaixo

explicita essas evidências:

Excerto 7

- Sempre foi de gênio forte, mas de muito domínio. O médico fez um gesto de sábio. "Há condutas que permanecem latentes durante muitos anos, e um dia explodem", disse. "Porém, é uma sorte que tenha caído aqui, porque somos especialistas em casos que requerem mão forte.", No final, fez uma advertência sobre a estranha obsessão de Maria pelos telefones. - Deixe-a falar - disse. - Fique tranquilo, doutor - disse Saturno com ar alegre. - É a minha especialidade.

Após dois meses, ainda sim, Maria não havia se adaptado à vida no sanatório, ou seja, o que nos leva a perceber que não haviam padrões, ou melhor, parâmetros eficientes para verificar se as “loucas” inseridas naquela instituição, de fato, o eram. E mais, chama a atenção para o que, de fato caracteriza a loucura, visto que ela foi apagada/silenciada por simplesmente estar inserida naquele local. Ou seja, naquele ambiente, Maria era interdita, segregada e excluída, não tendo, portanto, o direito de dizer e de querer. Ainda com fundamentação nas ideias de Orlandi (2007) sobre o apagamento discursivo, nota-se que o ambiente no qual Maria encontrava-se como o marido era também um lugar em que o silenciamento era promovido por uma forma de censura, visto que, ali estava uma pessoa que antes havia exercido um poder sobre ela – Herculina. No relato a seguir, o narrador deixa essa situação evidente.

Excerto 8

A sala de visitas, mistura de cárcere e confessionário, era o antigo locutório do convento. A entrada de Saturno não foi a explosão de júbilo que ambos poderiam esperar. Maria estava de pé no centro do salão, junto a uma mesinha com duas cadeiras e um vaso sem flores. Era evidente que estava pronta para ir embora, com seu lamentável casaco cor de morango e sapatos sórdidos que havia ganho de esmola. Num canto, quase invisível, estava Herculina com os braços cruzados. Maria não se moveu ao ver o marido entrar nem mostrou emoção alguma na cara ainda salpicada pelos estragos do vitral.

Conforme a autora, o silêncio é múltiplo de sentidos, o que leva-se a confirmar que o apagamento do discurso da Maria, naquele âmbito institucional a fez crer e que até mesmo conduz o leitor também a deduzir que ela estava, portanto, tornando-se parte, verdadeiramente, daquele conjunto de mulheres loucas. Isso se dá porque ela mesma enfatiza

que nunca mais será a mesma, conforme consta no trecho a seguir:

Excerto 9

Não tiveram tempo de sentar-se. Afogando-se em lágrimas, Maria contou as misérias do claustro, a barbárie das guardas, a comida de cachorro, as noites intermináveis sem fechar os olhos de terror. - Já nem sei há quantos dias estou aqui, ou meses ou anos, mas sei que cada um foi pior que o outro - disse, e suspirou com a alma. - Acho que nunca voltarei a ser a mesma.(pág.8)

Com base nos estudos de Orlandi (2007) sobre o silenciamento/apagamento, torna-se necessário pontuar que esse silenciamento da Maria, personagem central da história, acontece de várias formas, seja quando o seu discurso é silenciado por meio da autoridade/legitimidade médica, seja por meio do assédio de Herculana, seja quando a autoridade lhe confere o estigma de louca, seja quando o marido também a considera como enferma mental. Conforme Orlandi (2007), o silêncio dialoga com algumas ideias de censura e resistência, porque o poder se exerce acompanhado de um certo silêncio. No conto, Maria, ao ser silenciada, é oprimida e, conseqüentemente, o que ela diz é ilegítimo. Nesse sentido, ela sente essa opressão advinda até mesmo do seu marido que, nos múltiplos sentidos que o silêncio propicia, demonstra acreditar que ela está louca. A partir do excerto abaixo, é possível realçar esses traços apresentados pelo marido:

Excerto 10

- Por Deus, coelho! - disse, atônita. - Não me diga que você também acha que estou louca! - Nem pense nisso! - disse ele, tratando de rir. - Acontece que será muito mais conveniente para todos que você fique aqui algum tempo. Em melhores condições, é claro. - Mas se eu já te disse que só vim telefonar! - falou Maria. Ele não soube como reagir à obsessão temível. Olhou para Herculina. Ela aproveitou a olhada para indicar em seu relógio de pulso que estava na hora de terminar a visita. Maria interceptou o sinal, olhou para trás, e viu Herculina na tensão do assalto iminente. Então agarrou-se no pescoço do marido gritando como uma verdadeira louca.

Os dizeres de Maria, ao serem apagados, apontam dúvidas sobre a verdadeira sanidade mental dela. Segundo Orlandi (2007), o silêncio não é transparente, ou seja, ele possibilita várias produções de sentido. Ademais, a censura, para autora, relaciona-se à interdição que, nesse conto, não permite, ou melhor, não confere legitimidade ao que Maria diz. Sob esse viés, o leitor, muitas vezes, ao decorrer da história pode hesitar em relação às condições mentais que Maria apresenta.

Portanto, percebe-se que o narrador, aos poucos, possibilita vários caminhos de interpretação do estigma da loucura da Maria, isso porque a percepção que o leitor tem no decorrer do conto pode ou não ser concordante com a ideia da sanidade mental dela. Além

disso, esses vários sentidos que permeiam o silêncio contribuem, sobremaneira, para que haja várias percepções acerca desse caso. Outrossim, o *ethos* discursivo mostrado por ela também colabora para que sejam formuladas vários indícios de que ela seria ou não louca. Ademais, tanto o apagamento, quanto o silenciamento favorecem a seguinte ideia que é relatada no conto: *Maria assume-se como louca*. No entanto, cabe ao leitor questionar se ela era louca ou sanatório. Nesse sentido, cabe ressaltar, por fim, o “desfecho” do conto produzido por Gabriel García Márquez:

Excerto 11

Entrou com a caminhonete de feira até o pátio do claustro, e ali fez uma função prodigiosa de quase três horas que todas as reclusas desfrutaram dos balcões, com gritos discordantes e ovações inoportunas. Estavam todas, menos María, que não só se negou a receber o marido, como sequer quis vê-lo dos balcões. Saturno sentiu-se ferido de morte. - É uma reacção típica - consolou o director. - Já passa. Mas não passou nunca. Depois de tentar muitas vezes ver María de novo, Saturno fez o impossível para que recebesse uma carta, mas foi inútil. Quatro vezes devolveu-a fechada e sem comentários. Saturno desistiu, mas continuou deixando na portaria do hospital as rações de cigarros, sem ao menos saber se chegavam a María, até que a realidade o venceu. Nunca mais se soube dele, excepto que tornou a se casar e que voltou ao seu país. Antes de ir embora de Barcelona deixou o gato meio morto de fome com uma namoradina casual, que além disso se comprometeu a continuar levando cigarros para María. Mas também ela desapareceu. Rosa Regàs recordava ter visto a moça no Corte Inglês, há uns doze anos, com a cabeça rapada e a túnica alaranjada de alguma seita oriental, grávida até não poder mais. Ela contou-lhe que continuara levando cigarros para María, sempre que pôde, e resolvendo para ela algumas urgências imprevistas, até o dia em que só encontrou os escombros do hospital, demolido como uma lembrança ruim daqueles tempos ingratos. María pareceu-lhe muito lúcida na última vez em que a viu, um pouco acima do peso e contente com a paz do claustro. Naquele dia, levou-lhe também o gato, porque havia acabado o dinheiro que Saturno deixou para a comida. (pág.)

Em várias passagens do texto, o silenciamento imposto a Maria é evidenciado, como por exemplo, quando o médico diz a Saturno: *A única certeza é que seu estado é grave*. A palavra do médico sobre as condições de Maria, naquele contexto institucional, provém de uma autoridade incontestável e isso provoca efeitos até mesmo no marido dela que passa a não acreditar no que ela diz. Foucault (2012), ao tratar da oposição verdadeiro e falso, refere-se à vontade de verdade que um determinado grupo defende. Essa vontade de verdade consiste em um dizer se sobrepor a outro dizer e promover, muitas vezes, o apagamento do que lhe contrasta, pois, para o autor, “a verdade não residia mais no que era o discurso, ou no que ele fazia, mas residia no que ele dizia” (FOUCAULT, 2012, p. 15). A vontade de verdade “exerce sobre os outros discursos uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”, por isso é uma forma de controle social que se instaura por meio da exclusão.

Ainda é possível afirmar que, muitas vezes, o louco é visto pela sociedade como alguém que é julgado pelos valores morais, ou seja, caso a pessoa não se enquadre nos padrões “normais” da sociedade, conseqüentemente, ela é taxada como louca. Conforme nos lembra Foucault (2014), historicamente, a loucura é tomada por um viés moral, ou por um viés médico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da Análise do Discurso, pode-se compreender vários os aspectos linguísticos e discursivos em torno de sujeito e o que acontece com ele em uma dada situação. A AD possibilita fazer diversas interpretações, por meio do olhar do sujeito, e o que impacta suas atitudes. Analisar o discurso desse sujeito do conto é percorrer os fatos narrados e buscar na materialidade de dizeres e ações as práticas sociais que o fundamentam.

A partir da análise do conto “Só vim telefonar”, de Gabriel García Márquez, foi possível entendermos como o louco é tratado na e pela sociedade isso porque, na maioria das vezes, ele não tem autonomia dos seus dizeres, além de ser marginalizado socialmente. Desse modo, percebeu-se as várias interdições pelas quais o discurso passa, além de entender como o sujeito, Maria, se posiciona socialmente e de que forma ele é silenciado ao longo do conto.

A história do conto aponta para uma instituição de mulheres enfermas em que há um ambiente de interdição e silenciamento, o que não seria diferente com Maria que ali estava inserida. Ancorados na proposta teórica da AD, refletimos sobre as relações de poder que estão presentes diferentes esferas da vida em sociedade e, em especial, a do hospício, como nos apresenta Foucault (2012) em relação ao discurso. Ademais, mostramos a questão da autoridade imposta a ela, seja pela guarda que a silencia quando abusa sexualmente dela, seja quando o médico, autoridade, lhe confere o status de louca.

Vimos com Orlandi (2007) e com Foucault (2012) as relações existentes de poder e silêncio, tanto quando pensamos na própria instituição quanto até mesmo no marido dela que a silencia. Além disso, há a interdição que impede que o discurso “Só vim telefonar”, repetido várias e várias vezes ganhe legitimidade. Dessa forma, torna-se pontual afirmar que o conto permite vários de tipos de leitura acerca dessa história, principalmente, quando consideramos as teorias discursivas de linha francesa.

Os excertos retirados do conto foram de fundamental importância para associarmos a história aos conceitos teóricos da AD. (Márcia, o que mais eu poderia inserir nesse parágrafo?)

Sendo assim, constatamos que tal como qualquer texto literário ainda é possível dizer muito sobre esse conto, pois ele permite fazer várias leituras acerca das atitudes de Maria. O silêncio imposto a ela induzem várias expectativas quanto a verdadeira sanidade mental dela. Diante disso, o fato de ela ter sido internada equivocadamente também nos faz questionar sobre a verdadeira seriedade desse tipo de instituição. Buscamos, por meio dessa análise, mostrar a importância da análise do discurso na leitura de qualquer texto, possibilitando assim um olhar mais crítico e atento. Para tanto, fundamentamos as análises por meio de excertos a fim de que eles comprovem nossas perspectivas teóricas.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. (1999) O ethos na interseção das disciplinas: retórica, pragmática sociologia dos campo. In AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2005
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês feita por Maria Ermantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2.ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.
- CHARAUDEAU, P.: MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3.ed. Campinas, SP, Pontes/Ed. Unicamp, 1997.
- MALDIDIER, Denise. A Inquietação do Discurso: (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes, 2003.
- ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 9.ed. Campinas: Pontes, 2010.
- ORLANDI, E. Maio de 1968: os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre (Org.). **O papel da memória**. Tradução e introdução José Horta Nunes. 4ed. Campinas, SP: Pontes Editoras, 2015, p. 53-63.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.
- PÊCHEUX, M. **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. 5.ed. Campinas: Pontes, 2008.
- POSSENTI, S. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à lingüística**: fundamentos epistemológicos. 2.ed. Cortez Editora, 2005. Cap.10, p.353-392.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. Biblioteca Universitária. **Manual de normalização e estrutura de trabalhos acadêmicos:** TCCs, monografias, dissertações e teses. 2.ed.rev., atual. e ampl. Lavras, 2016.

7 ANEXO

SÓ VIM TELEFONAR

Gabriel García Márquez

Numa tarde de chuvas primaveris, quando viajava sozinha para Barcelona dirigindo um automóvel alugado, Maria de la Luz Cervantes sofreu uma pane no deserto dos Monegros. Era uma mexicana de 27 anos, bonita e séria, que anos antes tivera certo nome como atriz de variedades. Estava casada com um prestidigitador de salão, com quem ia se reunir naquele dia após visitar alguns parentes em Saragoça. Depois de uma hora de sinais desesperados aos automóveis e caminhões que passavam direto pela tormenta, o chofer de um ônibus destrambelhado compadeceu-se dela. Mas avisou que não ia muito longe.

– Não importa – disse Maria.

– Eu só preciso de um telefone.

Era verdade, e só precisava para prevenir seu marido que não chegaria antes das sete da noite. Parecia um passarinho ensopado, com um agasalho de estudante e sapatos de praia em abril, e estava tão atordoada por tudo que esqueceu de levar as chaves do automóvel. Uma mulher que viajava ao lado do chofer, de aspecto militar, mas de maneiras doces, deu-lhe uma toalha e uma manta, e abriu espaço para ela ao seu lado. Depois de mais ou menos se secar, Maria sentou-se, enrolou-se na manta e tentou acender um cigarro, mas os fósforos estavam molhados. A vizinha de assento deu-lhe fogo e pediu um cigarro dos poucos que estavam secos. Enquanto fumavam, Maria cedeu à vontade de desabafar e sua voz soou mais que a chuva e o barulho da lataria do ônibus. A mulher interrompeu-a com o dedo nos lábios.

– Estão dormindo – murmurou.

Maria olhou por cima do ombro e viu que o ônibus estava ocupado por mulheres de idades incertas e condições diferentes que dormiam enroladas em mantas iguais à dela. Contagiada por sua placidez, Maria enroscou-se no assento e abandonou-se ao rumor da chuva. Quando despertou era de noite e o aguaceiro havia se dissolvido num sereno gelado. Não tinha a menor idéia de quanto tempo havia dormido nem em que lugar do mundo estavam. Sua vizinha de assento tinha uma atitude alerta.

– Onde estamos? – perguntou Maria.

– Chegamos – respondeu a mulher.

O ônibus havia entrado no pátio empedrado de um edifício enorme e sombrio que

parecia um velho convento num bosque de árvores colossais. As passageiras, iluminadas apenas por um farol do pátio, permaneceram imóveis até que a mulher de aspecto militar as fez descer com um sistema de ordens primárias, como em um jardim-de-infância. Todas eram mais velhas, e moviam-se com tal parcimônia na penumbra do pátio que pareciam imagens de um sonho. Maria, a última a descer, pensou que eram freiras. Pensou menos quando viu várias mulheres de uniforme que as receberam na porta do ônibus, e cobriam suas cabeças para que não se molhassem, e as colocavam em fila indiana, dirigindo-as sem falar com elas, com palmas rítmicas e peremptórias. Depois de se despedir de sua vizinha de assento, Maria quis devolver-lhe a manta, mas ela falou que cobrisse a cabeça para atravessar o pátio e que a devolvesse na portaria.

– Será que lá tem telefone? – perguntou Maria.

– Claro – disse a mulher.

Lá mesmo eles mostram.

Pediu a Maria outro cigarro, e ela deu o resto do maço molhado. “No caminho eles secam”, disse.

A mulher fez adeus com a mão, e quase gritou: “Boa sorte”. O ônibus arrancou sem dar tempo para mais nada. Maria começou a correr para a entrada do edifício. Uma guarda tentou detê-la batendo palmas enérgicas, mas teve que apelar para um grito imperioso: “Eu disse alto!”, Maria olhou por baixo da manta, e viu uns olhos de gelo e um dedo inapelável indicando a fila. Obedeceu. Já no saguão do edifício separou-se do grupo e perguntou ao porteiro onde havia um telefone. Uma das guardas fez com que ela voltasse para a fila dando-lhe palmadinhas nas costas, enquanto dizia com modos muito suaves:

– Por aqui, gracinha, o telefone é por aqui.

Maria seguiu com as outras mulheres por um corredor tenebroso, e no final entrou em um dormitório coletivo onde as guardas recolheram as mantas e começaram a repartir as camas. Uma mulher diferente, que Maria achou mais humana e de hierarquia mais alta, percorreu a fila comparando uma lista com os nomes que as recém-chegadas tinham escrito num cartão costurado no sutiã. Quando chegou na frente de Maria surpreendeu-se que ela não levasse a identificação.

– É que só vim telefonar – disse Maria.

Explicou-lhe com muita pressa que seu automóvel havia quebrado na estrada. O marido, que era mago de festas, estava esperando por ela em Barcelona para cumprir três

compromissos até a meia-noite, e queria avisá-lo que não chegaria a tempo para acompanhá-lo. Eram quase sete da noite. Ele sairia de casa dentro de dez minutos, e ela temia que cancelasse tudo por causa de seu atraso. A guarda pareceu escutá-la com atenção.

– Como é o seu nome? – perguntou.

Maria disse como se chamava com um suspiro de alívio, mas a mulher não encontrou seu nome depois de repassar a lista várias vezes. Perguntou alarmada a uma guarda, e esta, sem nada para dizer, sacudiu os ombros.

– É que eu só vim para telefonar – disse Maria.

– Está bem, beleza – disse a superiora, levando-a até a sua cama com uma doçura demasiado ostensiva para ser real -, se você se portar bem vai poder falar por telefone com quem quiser. Mas agora não, amanhã.

Alguma coisa aconteceu então na mente de Maria que a fez entender por que as mulheres do ônibus moviam-se como no fundo de um aquário. Na realidade, estavam apaziguadas com sedantes, e aquele palácio em sombras, com grossos muros de pedra e escadarias geladas, era na realidade um hospital de enfermas mentais. Assustada, escapou correndo do dormitório, e antes de chegar ao portão uma guarda gigantesca com um macacão de mecânico agarrou-a com um golpe de tigre e imobilizou-a no chão com uma chave mestra. Maria olhou-a de viés paralisada de terror.

– Pelo amor de Deus – disse.

– Juro pela minha mãe morta que só vim telefonar.

Bastou ver sua cara para saber que não havia súplica possível diante daquela energúmena vestida de mecânico que era chamada de Herculina por sua força descomunal. Era a responsável pelos casos difíceis, e duas reclusas tinham morrido estranguladas com seu braço de urso-polar adestrado na arte de matar por descuido. O primeiro caso foi resolvido como sendo um acidente 3 comprovado. O segundo foi menos claro, e Herculina foi advertida e admoestada de que na próxima vez seria investigada a fundo. A versão corrente era que aquela ovelha desgarrada de uma família de sobrenomes grandes tinha uma turva carreira de acidentes duvidosos em vários manicômios da Espanha. Para que Maria dormisse a primeira noite, tiveram que lhe injetar um sonífero. Antes do amanhecer, quando foi despertada pelo desejo de fumar, estava amarrada pelos pulsos e pelos tornozelos nas barras da cama. Ninguém acudiu aos seus gritos.

Pela manhã, enquanto o marido não encontrava em Barcelona nenhuma pista de seu

paradeiro, tiveram que levá-la à enfermaria, pois a encontraram sem sentidos num pântano de suas próprias misérias. Não soube quanto tempo havia passado quando voltou a si. Mas então o mundo era um remanso de amor, e na frente de sua cama estava um ancião monumental, com um andar de plantígrado e um sorriso sedante, que com dois passes de mestre devolveu-lhe a alegria de viver. Era o diretor do sanatório. Antes de dizer qualquer coisa, sem ao menos cumprimentá-lo, Maria pediu um cigarro. Ele deu, aceso, e também o maço quase cheio. Maria não pôde reprimir o pranto.

– Aproveite para chorar tudo que você quiser – disse o médico, com sua voz adormecedora.

– Não existe melhor remédio que as lágrimas.

Maria desafogou-se sem pudor, como nunca havia conseguido com seus amantes casuais nos tédios de depois do amor. Enquanto a ouvia, o médico a penteava com os dedos, arrumava o travesseiro para que respirasse melhor, guiava-a pelo labirinto de sua incerteza com uma sabedoria e uma doçura que ela jamais havia sonhado. Era, pela primeira vez em sua vida, o prodígio de ser compreendida por um homem que a escutava com toda a alma sem esperar a recompensa de levá-la para a cama. Após uma longa hora, desafogada até o fim, pediu-lhe autorização para telefonar para o seu marido. O médico levantou-se com toda a majestade de seu cargo. “Ainda não, princesa”, disse, dando em sua face o tapinha mais terno que ela jamais havia sentido. “Cada coisa tem sua hora.”, Da porta, fez uma bênção episcopal, e desapareceu para sempre.

– Confie em mim – disse a ela.

Naquela mesma tarde, Maria foi inscrita no asilo com um número de série, e com um comentário superficial sobre o enigma da sua procedência e as dúvidas sobre sua identidade. Na margem ficou uma qualificação escrita a mão pelo diretor: agitada.

Tal como Maria havia previsto, o marido saiu de seu modesto apartamento do bairro de Horta com meia hora de atraso para cumprir os três compromissos. Era a primeira vez que ela não chegava a tempo em quase dois anos de uma união livre bem combinada, e ele entendeu o atraso pela ferocidade das chuvas que assolaram a província naquele fim de semana. Antes de sair deixou um recado pregado na porta com o itinerário da noite. Na primeira festa, com todas as crianças disfarçadas de canguru, dispensou o truque-mor dos peixes invisíveis porque não conseguia fazê-lo sem a ajuda dela. O segundo compromisso era na casa de uma anciã de 93 anos, numa cadeira de rodas, que se vangloriava de haver

celebrado cada um dos últimos trinta aniversários com um mago diferente. Ele estava tão contrariado pela demora de Maria que não conseguiu se concentrar nos passes mais simples. O terceiro compromisso era o de todas as noites num café-concerto das Ramblas, onde atuou sem inspiração para um grupo de turistas franceses que não conseguiram acreditar no que viam porque se negavam a crer na magia.

Depois de cada representação telefonou para casa, e esperou sem ilusões que Maria atendesse. Na última já não pôde reprimir a inquietação de que algo de mau havia acontecido. De 4 volta para casa na caminhonete adaptada para as funções públicas viu o esplendor da primavera nas palmeiras do Paseo de Gracia, e foi estremecido pelo pensamento funesto de como poderia ser a cidade sem Maria. A última esperança se desvaneceu quando encontrou seu recado ainda pregado na porta. Estava tão contrariado que se esqueceu de dar comida ao gato.

Só agora, ao escrever, percebo que nunca soube como era o nome dele na realidade, porque em Barcelona só o conhecíamos por seu nome profissional: o Mago Saturno. Era um homem de gênio esquisito e com uma inabilidade social irredimível, mas o tato e a graça que nele faziam falta sobravam em Maria. Era ela quem o guiava pela mão nesta comunidade de grandes mistérios, onde ninguém teria a idéia de ligar para alguém depois da meia-noite perguntando pela própria mulher. Saturno havia feito isso assim quando chegou e não queria recordar. Por isso, naquela noite conformou-se com telefonar para Saragoça, onde uma avó meio adormecida respondeu sem alarma que Maria havia partido depois do almoço. Não dormiu mais de uma hora ao amanhecer. Teve um sonho de pântano, no qual viu Maria com um vestido de noiva em farrapos e salpicada de sangue, e despertou com a certeza pavorosa de que havia tornado a deixá-lo sozinho, e agora para sempre, num vasto mundo sem ela.

Havia feito isso três vezes com três homens diferentes, ele inclusive, nos últimos cinco anos. Abandonou-o, na Cidade do México, seis meses depois de conhecê-lo, quando agonizavam de felicidade com um amor demente num quarto do bairro Anzures. Certa manhã, Maria não amanheceu em casa depois de uma noite de abusos inconfessáveis. Deixou tudo que era dela, inclusive a aliança de seu casamento anterior, e uma carta na qual dizia que não era capaz de sobreviver ao tormento daquele amor desatinado. Saturno pensou que havia voltado ao seu primeiro marido, um condiscípulo da escola secundária com quem se casou às escondidas sendo menor de idade, e a quem abandonou por outro depois de dois anos sem amor. Mas não: havia regressado à casa de seus pais, e lá foi

Saturno buscá-la a qualquer preço. Rogou sem condições, prometeu muito mais do que estava decidido a cumprir, mas tropeçou com uma determinação invencível. “Existem amores curtos e amores longos”, disse ela. E concluiu sem misericórdia: “Este foi curto.” Ele rendeu-se diante de seu rigor. No entanto, certa madrugada de um dia de Todos os Santos, ao voltar para o seu quarto de órfão depois de quase um ano de esquecimento, encontrou-a dormindo no sofá da sala com a coroa de flores de laranjeira e a longa cauda de espuma das noivas virgens. Maria contou a verdade. O novo noivo, viúvo, sem filhos, com a vida resolvida e a disposição de se casar para sempre na igreja católica, havia deixado-a vestida de noiva esperando no altar. Seus pais decidiram fazer a festa do mesmo jeito. Ela acompanhou a brincadeira.

Dançou, cantou com os mariachis, abusou da bebida, e num terrível estado de remorsos tardios foi procurar Saturno à meia-noite. Ele não estava em casa, mas encontrou as chaves no vaso de flores do corredor, onde sempre as escondera. Daquela vez, foi ela quem se rendeu sem condições. “E agora até quando?”, ele perguntou. Ela respondeu com um verso de Vinicius de Moraes: “O amor é eterno enquanto dura.”, Dois anos depois, continuava sendo eterno.

Maria pareceu amadurecer. Renunciou a seus sonhos de atriz e consagrou-se a ele, tanto no ofício como na cama. No fim do ano anterior haviam assistido a um congresso de magos em Perpignan, e na volta conheceram Barcelona. Gostaram tanto que estavam ali fazia oito meses, e iam tão bem que haviam comprado um apartamento no bairro muito catalão de Horta, ruidoso e sem porteiro, mas com espaço de sobra para cinco filhos. Havia sido a felicidade possível, até o fim de semana em que ela alugou um automóvel e foi visitar seus parentes de Saragoça com a 5 promessa de voltar às sete da noite da segunda. Ao amanhecer da quinta ainda não dera sinais de vida. Na segunda-feira da semana seguinte a companhia de seguros do automóvel alugado telefonou para perguntar por Maria. “Não sei nada”, disse Saturno. “Procurem em Saragoça.”, Desligou

Uma semana depois um guarda civil foi à sua casa com a notícia de que haviam achado o automóvel depenado, num atalho perto de Cádiz, a novecentos quilômetros do lugar em que Maria o abandonou. O policial queria saber se ela tinha mais detalhes do roubo. Saturno estava dando comida ao gato, e olhou-o apenas para dizer sem mais rodeios que não perdessem tempo, pois sua mulher havia fugido de casa e ele não sabia com quem ou para onde. Era tamanha sua convicção que o policial sentiu-se incomodado e pediu perdão pelas perguntas. O caso foi declarado encerrado.

O receio de que Maria pudesse ir embora outra vez havia assaltado Saturno na Páscoa em Cadaqués, onde Rosa Regás os havia convidado para velejar. Estávamos no Marítim, o populoso e sórdido bar da gauche divine no crepúsculo do franquismo, em volta de uma daquelas mesas de ferro com cadeiras de ferro onde só cabiam a duras penas seis e sentavam vinte. Depois de esgotar o segundo maço de cigarros da jornada Maria percebeu que não tinha fósforos. Um braço esquelético de pelos viris com uma pulseira de bronze romano abriu caminho através do tumulto da mesa e ofereceu-lhe fogo. Ela agradeceu sem olhar quem era, mas o Mago Saturno viu. Era um adolescente ósseo e lampinho, de uma palidez de morto e um rabo-de-cavalo de cabelos muito negros que chegavam até a sua cintura. As janelas do bar mal suportavam a fúria da tramontana da primavera, mas ele ia vestido com uma espécie de pijama de usar na rua, de algodão cru, e umas tamancas de lavrador. Não tornaram a vê-lo até o fim do outono, numa pensão de mariscos de La Barceloneta, com o mesmo conjunto de saraça ordinária e uma longa trança em vez do rabo-de-cavalo. Cumprimentou-os como se fossem velhos amigos, e pelo modo com que beijou Maria, e pelo modo com que ela correspondeu, Saturno foi fulminado pela suspeita de que haviam andado se encontrando escondidos. Dias depois encontrou por acaso um nome novo e um número de telefone escritos na caderneta doméstica, e a inclemente lucidez dos ciúmes reveloulhe de quem eram. O prontuário social do intruso acabou de liquidá-lo: 22 anos, filho único de ricos, decorador de vitrines da moda, com uma fama fácil de bissexual e um prestígio bem fundamentado como consolador de aluguel de mulheres casadas. Mas conseguiu superar tudo até a noite em que Maria não voltou para casa. Então começou a telefonar para ele todos os dias, primeiro a cada duas ou três horas, das seis da manhã até a madrugada seguinte, e depois cada vez que encontrava um telefone. O fato de que ninguém atendesse aumentava o seu martírio. No quarto dia atendeu uma andaluza, que só ia fazer a faxina. “O sinhôzinho não está”, disse, com um jeito vago o suficiente para enlouquecê-lo. Saturno não resistiu à tentação de perguntar se por acaso a senhorita Maria não estava.

– Aqui não mora nenhuma Maria – disse a mulher.

– O patrão é solteiro.

– Já sei disso – respondeu ele.

– Não mora, mas vai às vezes, não é? A mulher se enfureceu.

– Mas quem está falando, porra?

Saturno desligou. A negativa da mulher pareceu-lhe uma confirmação a mais do que para ele já não era suspeita, era uma certeza ardente. Perdeu o controle. Nos dias seguintes telefonou em ordem alfabética para todos os conhecidos de Barcelona. Ninguém informou nada, mas cada 6 telefonema agravou sua infelicidade, porque seus delírios de ciúmes já eram célebres entre os madrugadores impenitentes da gauche divine, que respondiam com qualquer piada que o fizesse sofrer. Só então compreendeu até que ponto estava sozinho naquela cidade bela, lunática e impenetrável, na qual jamais seria feliz. Pela madrugada, depois de dar comida ao gato, apertou o coração para não morrer, e tomou a determinação de esquecer Maria.

Depois de dois meses, Maria ainda não havia se adaptado à vida no sanatório. Sobrevivia mal e mal, comendo quase nada daquela pitação de cárcere com os talheres acorrentados à mesona de madeira bruta, e os olhos fixos na litografia do general Francisco Franco que presidia o lúgubre refeitório medieval. No começo resistia às horas canônicas com sua rotina palerma de matinas, laudes, vésperas, e a outros ofícios da igreja que ocupavam a maior parte do tempo. Negava-se a jogar bola no pátio do recreio e a trabalhar na oficina de flores artificiais que um grupo de reclusas mantinha com uma diligência frenética. Mas na terceira semana foi incorporando-se pouco a pouco à vida do claustro. Afinal, diziam os médicos, todas começavam assim, e cedo ou tarde acabavam integrando-se na comunidade. A falta de cigarros, resolvida nos primeiros dias por uma vigilante que os vendia a preço de ouro, tornou a atormentá-la quando acabou o pouco dinheiro que trouxera. Consolou-se depois com os cigarros de papel de jornal que algumas reclusas fabricavam com as guimbas recolhidas no lixo, pois a obsessão de fumar havia chegado a ser tão intensa quanto a do telefone. As pesetas exíguas que ganhou mais tarde fabricando flores artificiais permitiram a ela um alívio efêmero. O mais duro era a solidão das noites. Muitas reclusas permaneciam despertas na penumbra, como ela, mas sem se atrever a nada, pois a vigilante noturna velava também no portão fechado com corrente e cadeado. Certa noite, porém, abrumada pela tristeza, María perguntou com voz suficiente para que sua vizinha de cama escutasse:

- Onde estamos? A voz grave e lúcida da vizinha respondeu:
- Nas profundas do inferno.
- Dizem que esta terra é de mouros – disse outra voz distante que ressoou no dormitório inteiro.
- E deve ser mesmo, porque no verão, quando há lua, ouvem-se cães ladrando para o

mar. Ouviu-se uma corrente nas argolas como uma âncora de galeão, e a porta se abriu. A cérbera, o único ser que parecia vivo no silêncio instantâneo começou a passear de um extremo a outro do dormitório. Maria se assustou, e só ela sabia por quê.

Desde sua primeira semana no sanatório, a vigilante noturna lhe havia proposto sem rodeios que dormisse com ela no quarto de guarda. Começou com um tom de negócio concreto: troca de amor por cigarros, por chocolates, pelo que fosse. “Você vai ter de tudo”, dizia, trêmula. “Você vai ser a rainha.”, Diante da recusa de Maria, a guarda mudou de método. Deixava papezinhos de amor debaixo do travesseiro, nos bolsos do roupão, nos lugares menos imaginados. Eram mensagens de uma aflição dilacerante capaz de estremecer as pedras. Fazia mais de um mês que parecia resignada à derrota, na noite em que ocorreu o incidente no dormitório. Quando se convenceu de que todas as reclusas dormiam, a guarda aproximou-se da cama de Maria, e murmurou em seu ouvido todo tipo de obscenidades ternas, enquanto beijava sua cara, o pescoço tenso de terror, os braços tesos, as pernas exaustas. No fim, achando talvez que a paralisia de Maria não era de medo e sim de complacência, atreveu-se a ir mais longe. Maria deu-lhe então um golpe com as costas da mão que mandou-a contra a cama vizinha. A guarda levantou-se furibunda no meio do escândalo das reclusas alvoroçadas.

– Filha da puta – gritou.

– Vamos apodrecer juntas neste chiqueiro até que você fique louca por mim.

O verão chegou sem se anunciar no primeiro domingo de junho, e foi preciso tomar medidas de emergência, porque as reclusas sufocadas começavam a tirar durante a missa as batinas de lã. Maria assistiu divertida ao espetáculo das enfermas peladas que as guardas tocavam pelas naves da capela como se fossem galinhas cegas. No meio da confusão, tratou de se proteger dos golpes perdidos, e sem saber como encontrou-se sozinha no escritório abandonado, e com um telefone que tocava sem cessar com uma campanha de súplica.

Maria respondeu sem pensar, e ouviu uma voz distante e sorridente que se distraía imitando o serviço de hora certa:

– São quarenta e cinco horas, noventa e dois minutos e cento e sete segundos.

– Veado – disse Maria.

Desligou divertida. Já ia embora, quando percebeu que estava deixando escapar uma ocasião irrepetível. Então discou seis números, com tanta tensão e tanta pressa, que não teve certeza de ser o número de sua casa. Esperou com o coração na boca, ouviu a

campanha familiar com seu tom ávido e triste, uma vez, duas vezes, três vezes, e ouviu enfim a voz do homem de sua vida na casa sem ela.

– Alô? Precisou esperar que passasse a bola de lágrimas que se formou na sua garganta.

– Coelho, minha vida – suspirou. As lágrimas a venceram. Do outro lado da linha houve um breve silêncio de espanto, e a voz ensandecida pelos ciúmes cuspiu a palavra:

– Puta! E desligou.

Naquela noite, num ataque frenético, Maria tirou da parede do refeitório a litografia do generalíssimo, arrojou-a com todas as suas forças contra o vitral do jardim, e desmoronou banhada em sangue. Ainda lhe sobrou raiva para enfrentar na porrada as guardas que tentaram dominá-la, sem conseguir, até que viu Herculina plantada no vão da porta, com os braços cruzados, olhando para ela. Rendeu-se. Ainda assim, foi arrastada até o pavilhão das loucas perigosas, foi aniquilada com uma mangueira de água gelada, e injetaram terebintina em suas pernas. Impedida de caminhar por causa da inflamação provocada, Maria percebeu que não havia nada no mundo que não fosse capaz de fazer para escapar daquele inferno. Na semana seguinte, já de regresso ao dormitório comum, levantou-se na ponta dos pés e bateu na cela da guarda da noite.

O preço de Maria, exigido de antemão, foi levar um recado ao seu marido. A guarda aceitou, sempre que o trato fosse mantido no mais absoluto segredo. E apontou-lhe com um dedo inexorável.

– Se alguma vez alguém souber, você morre.

Desta forma o Mago Saturno foi parar no sanatório de loucas no sábado seguinte, com a caminhonete de circo preparada para celebrar o regresso de Maria. O diretor o recebeu em pessoa no seu escritório, tão limpo e arrumado quanto um barco de guerra, e fez um relatório afetuoso sobre o estado de sua esposa. Ninguém sabia de onde chegou, nem como nem quando, pois a primeira informação sobre sua entrada era o registro oficial ditado por ele mesmo quando a entrevistou. Uma investigação iniciada no mesmo dia não dera em nada. Porém, o que mais intrigava o diretor era como Saturno soube do paradeiro de sua esposa. Saturno protegeu a guarda.

– A companhia de seguros do automóvel me informou – disse.

O diretor concordou satisfeito. “Não sei como o seguro faz para saber tudo”, disse. Deu uma olhada no expediente que tinha sobre sua escrivania de asceta, e concluiu:

– A única certeza é que seu estado é grave.

Estava disposto a autorizar uma visita com as devidas precauções se o Mago Saturno promettesse, pelo bem de sua esposa, restringir-se à conduta que ele indicasse. Sobretudo na maneira de tratá-la, para evitar que recaísse em seus acessos de fúria cada vez mais freqüentes e perigosos.

– Que esquisito – disse Saturno.

– Sempre foi de gênio forte, mas de muito domínio.

O médico fez um gesto de sábio. “Há condutas que permanecem latentes durante muitos anos, e um dia explodem”, disse. “Porém, é uma sorte que tenha caído aqui, porque somos especialistas em casos que requerem mão forte.” No final, fez uma advertência sobre a estranha obsessão de Maria pelos telefones.

– Deixe-a falar – disse.

– Fique tranqüilo, doutor – disse Saturno com ar alegre.

– É a minha especialidade.

A sala de visitas, mistura de cárcere e confessionário, era o antigo locutório do convento. A entrada de Saturno não foi a explosão de júbilo que ambos poderiam esperar. Maria estava de pé no centro do salão, junto a uma mesinha com duas cadeiras e um vaso sem flores. Era evidente que estava pronta para ir embora, com seu lamentável casaco cor de morango e sapatos sórdidos que havia ganho de esmola. Num canto, quase invisível, estava Herculina com os braços cruzados. Maria não se moveu ao ver o marido entrar nem mostrou emoção alguma na cara ainda salpicada pelos estragos do vitral. Deram um beijo de rotina.

– Como você se sente? – perguntou ele.

– Feliz por você enfim ter vindo, coelho – disse ela.

– Isto foi a morte.

Não tiveram tempo de sentar-se. Afogando-se em lágrimas, Maria contou as misérias do claustro, a barbárie das guardas, a comida de cachorro, as noites intermináveis sem fechar os olhos de terror.

– Já nem sei há quantos dias estou aqui, ou meses ou anos, mas sei que cada um foi pior que o outro – disse, e suspirou com a alma.

– Acho que nunca voltarei a ser a mesma.

– Agora tudo isso passou – disse ele, acariciando com os dedos as cicatrizes recentes de sua cara.

– Eu continuarei a vir todos os sábados. E até mais, se o diretor permitir. Você vai ver como tudo dará certo.

Ela fixou nos olhos dele seus olhos aterrorizados. Saturno tentou suas artes de salão. Contou, no tom pueril das grandes mentiras, uma versão adocicada dos prognósticos do médico. “Em resumo”, concluiu, “ainda faltam alguns dias para você estar recuperada de vez.”, Maria entendeu a verdade.

– Por Deus, coelho! – disse, atônita.

– Não me diga que você também acha que estou louca! – Nem pense nisso! – disse ele, tratando de rir.

– Acontece que será muito mais conveniente para todos que você fique aqui algum tempo. Em melhores condições, é claro.

– Mas se eu já te disse que só vim telefonar! – falou Maria.

Ele não soube como reagir à obsessão temível. Olhou para Herculina. Ela aproveitou a olhada para indicar em seu relógio de pulso que estava na hora de terminar a visita. Maria interceptou o sinal, olhou para trás, e viu Herculina na tensão do assalto iminente. Então agarrou-se no pescoço do marido gritando como uma verdadeira louca. Ele safou-se com todo o amor que pôde, e deixou-a à mercê de Herculina, que saltou sobre suas costas. Sem dar-lhe tempo para reagir, aplicou em Maria uma chave com a mão esquerda, passou o outro braço de ferro em volta de seu pescoço, e gritou para o Mago Saturno:

– Vá embora!

Saturno fugiu apavorado. Ainda assim, no sábado seguinte, já reposto do espanto da visita, voltou ao sanatório com o gato vestido como ele: a malha vermelha e amarela do grande Leopardo, o chapéu de copa e uma capa de volta e meia que parecia feita para voar. Entrou com a caminhonete de feira até o pátio do claustro, e ali fez uma função prodigiosa de quase três horas que todas as reclusas desfrutaram dos balcões, com gritos discordantes e ovações inoportunas. Estavam todas, menos Maria, que não só se negou a receber o marido, como sequer quis vê-lo dos balcões. Saturno sentiu-se ferido de morte.

– É uma reação típica – consolou o diretor. – Já passa.

Mas não passou nunca. Depois de tentar muitas vezes ver Maria de novo, Saturno fez

o impossível para que recebesse uma carta, mas foi inútil. Quatro vezes devolveu-a fechada e sem comentários. Saturno desistiu, mas continuou deixando na portaria do hospital as rações de cigarros, sem ao menos saber se chegavam a Maria, até que a realidade o venceu. Nunca mais se soube dele, exceto que tornou a se casar e que voltou ao seu país. Antes de ir embora de Barcelona deixou o gato meio morto de fome com uma namoradinha casual, que, além disso, se comprometeu a continuar levando cigarros para Maria. Mas também ela desapareceu.

Rosa Regas recordava ter visto a moça no Corte Inglês, há uns doze anos, com a cabeça rapada e a túnica alaranjada de alguma seita oriental, grávida até não poder mais. Ela contou-lhe que continuara levando cigarros para Maria, sempre que podia, e resolvendo para ela algumas urgências imprevistas, até o dia em que só encontrou os escombros do hospital, demolido como uma lembrança ruim daqueles tempos ingratos. Maria pareceu-lhe muito lúcida na última vez em que a viu, um pouco acima do peso e contente com a paz do claustro. Naquele dia, levou-lhe também o gato, porque havia acabado o dinheiro que Saturno deixou para a comida.

Abril de 1978.

Este conto foi retirado do livro “Doze contos peregrinos”.